LISBOA — TERÇA-FEIRA, 24 DE MAIO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.° — N.° 41—10 CENTAVOS
Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.°
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Dibea

O DIARIO DE LISBOA, encadernado na sua natural modestia, nem por isso perde o ensejo de ouvir sobre todos os casos que apaixonam a opinião as principais figuras da arte e da politica, que, com autoridade, possam emitir conceitos.

Sucede-nos, por vezes, registar em entrevistas modos de ver que discordam em absoluto da linha de conducta que traçámos.

Fazêmo-lo por escrupulo de informação, deixando aos entrevistados a responsabilidade das suas palavras e não nos abstendo nunca de comentá-las segundo o nosso criterio.

Isto vai com vista a algumas pessoas que, injustamente, têm sublinhado, com amavel desagrado, certos artigos nestas colunas publicados.

* * *

O sr. Tomé de Barros Queiroz deve tomar posse ás 16 horas da pasta de ministro interino das Colonias.

* * *

VAI ser posta em vigor uma postura que unifica as regras de circulação de veiculos nas ruas, nas estradas e nos caminhos.

O limite de velocidade para automoveis e «camions» será rigorosamente imposto. As calçadas serão protegidas contra os danos que os carros de grande pêso sobre elas exercem.

Sob o ponto de vista da iluminação, todos os veiculos devem possuir lanternas tipo-unico, sendo absolutamente interdicto o uso das que produzam luz que fira a vista.

Pelo que diz respeito aos sinais de alarme, apenas se permitirá o uso da busina.

Ao contrario do que com justiça se suporá, estas medidas não germinaram no cérebro do sr. Paiva e Pona. Vai adoptá-las em França o ministro das Obras Publicas — um reaccionario, que ainda não aprendeu a derrubar arvores.

* * *

UM dos ultimos actos do sr. Antonio Maria da Silva, como ministro das Finanças, foi expedir um telegrama para Paris, a fim de assegurar a conclusão das negociações do emprestimo.

* * *

O ministro demissionario da marinha sr. Fernando Brederode declarou a um redactor do «Diario de Lisboa» que abandona imediatamente o Partido Republicano Popular.

* * *

SOBRE a legação de Berlim, nada de novo. Os pretendentes trepam uns sobre os outros, sem poderem conservar as suas pretenções longamente.

Que rica comedia de apetites!

Não haveria meio de descobrir alguem que, tendo as qualidades de um diplomata, honre o nome português?

Não estará, neste caso, o dr. Veiga Simões, uma das raras vocações que surgiram nos ultimos anos?

NOVO GOVERNO

Depois duma serie de experiencias governativas, que quasi só serviram para consumir tempo e agravar a dura crise que nos punge, parece ter chegado, emfim, um periodo de senso e logica que vai permitir á nossa politica precisar os seus objectivos, estabelecer principios, possuir um metodo, traçar directorias e, sobretudo, fixar as linhas gerais dum programa de acção. Antes tarde que nunca. Sempre é boa a ocasião de arripiar caminho, recobrando-se juizo.

O governo da presidencia do sr. Barros Queiroz que toma conta do poder em singulares condições de favor para efectuar uma bela obra bem nacional, não pode nem deve dispersar a sua atenção em questões minusculas de regedoria, prendendo-se em qualquer tenebrosa nomeação de funcionarios famelicos, mas ambiciosos.

A pasta das finanças encontra-se entregue a um homem cuja competencia em assuntos da especialidade não oferece duvidas, sendo de prever que inicie em materia de imposto e emprestimo as chamadas medidas salvadoras que mui naturalmente teem de ser acompanhadas duma compressão de despesas que atinja toda a nossa quasi inutil, mas numerosa e perdularia administração.

A hora não é de devaneios nem de fanfarras. Ou nós nos decidimos, sem mais delongas, a fazer da nossa propria sorte um caso interessante do nosso desejo de viver e progredir ou então declinamos nos fados a honra de nos encontrarem uma daquelas soluções em que os povos abandonam com a vida tambem a honra.

O problema cambial, que é a forma mais tangivel e opressiva por que se anunciam invariavelmente as grandes catastrofes economico-financeiras, exige desde já urgentes providencias, pois que, contra o que pensam enfurecidos pessimistas e alguns materialistas da classe bancaria, não se justifica a depressão em que nos arrastamos.

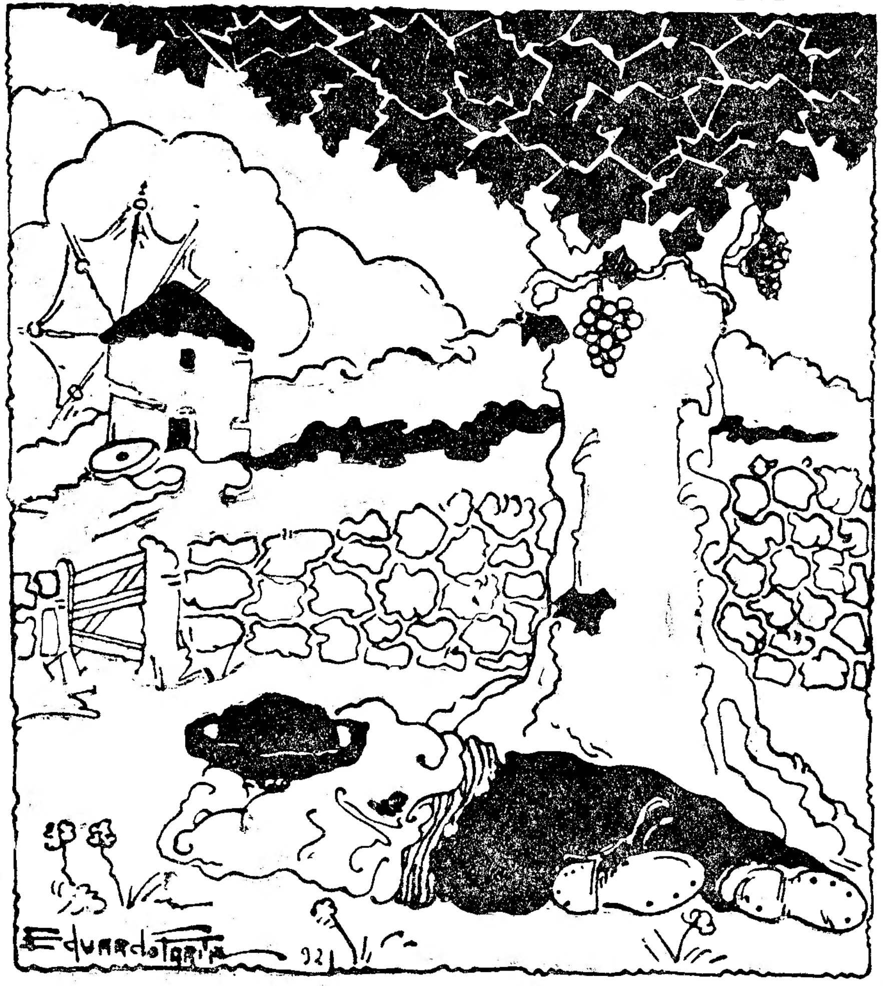
O sr. ministro do interior encontra pela sua frente o problema da ordem publica, um dos mais melindrosos com que tem de defrontar-se a sua provada competencia, visto que a indisciplina que constantemente perturba e desasocega almas a corpos se tem enraizado tão fundo que só muita energia aliada a um fino tacto conseguirá domar-lhe as arremetidas. E' necessario que a rua se acalme, que as turbas socegadamente trabalhem, restituindo-se a um silencio ininterrupto e pesado como chumbo toda a vadiagem, trovejante de retorica, quer esta seja reacionaria quer revolucionaria.

A propria imprensa carece de modificar os seus processos de critica e combate, afastando-se de grupos e *coteries*, para ser um mero orgão da opinião esclarecida e patriotica.

O exercito, que tem na nossa historia a memoria epica dos seus feitos, se porventura persistir em misturar-se com a multidão desvairada dos politicos e dos promotores de revoluções, privar-se-há do respeito que todos lhe devemos, para se converter numa instituição exposta a loucas incertezas e aventuras.

Quererá ele sacrificar a falsos idolos a pura gloria das espadas?

OS ACONTECIMENTOS



(Desenho de Eduardo Faria)

A atitude do país

DOIS portugueses que foram a Badajoz assistir ás ultimas touradas, emquanto admiravam o fogo de artificio na praça de S. Francisco, sentiram que eram alvo da curiosidade incomoda duns espanhois que os vigiavam passo a passo.

—De que se tratará? perguntaram um ao outro.

Mal acabavam de formular esta pergunta, eis que os seus seguidores se aproximam deles, dando-lhes voz de prisão. Presos porquê? Não alcançaram resposta. Convidados a apresentar os seus documentos, responderam que os não tinham, visto serem simples forasteiros. Sem mais demora, levaram-nos para o governo civil.

Aqui principiaram por chamá-los bolchevistas e depois ladrões.

O comissario, como um dos nossos patricios replicasse «sans peur ni reproche» ao seu interrogatorio destrambelhado, atirou-lhe uma bofetada. Era o arbitrio a converter-se em brutalidade.

—«Sigan para el carcel!»—clamou ele furioso. Assim se fez. Os dois portugueses, algemados, atravessaram, no meio de imprecações, uma horda de selvagens de farda. Nem comida nem bebida. Através das grades, viam passar rostos convulsos de carcereiros que os ameaçavam.

Por fim, num gesto de cavalheirismo, mandaram-nos para a estação, ainda com algemas nos pulsos, no meio duma força policial. Só aqui, ao chegar do comboio, lhes concederam a liberdade. Nem lhes deram tempo para agradecer a gentilesa da tal hospitalidade, o que é para lastimar, visto que estavam tão cheios de razão que talvez a policia de Badajoz muito ganhasse com uma lição de maneiras, dada por dois portugueses de boa tempera.

* * *

O sr. dr. Brito Camacho, logo que chegou a Moçambique, mostrou que, mesmo a tantos graus de latitude sul, o seu espirito não se esquecia da Patria, pois escreveu a um amigo, perguntando-lhe que novidades havia cá «por esta costa de Africa».

No seu entender, é a Metropole que hoje tem o previlegio dos espetaculos que os livros de viagem diziam observar-se no continente negro.

Não seremos nós quem dirá o contrario.

Tantas coisas temos já visto em Portugal e algumas delas tão espantosas que Lisboa, a nossa capital, se reveste das plumagens gentilicas de Tombuctu. Se ámanhã nos afirmarem que os nossos monumentos se transformaram em aringas e as nossas praças em batuques, não estamos resolvidos a gritar que é impossivel. A realidade, entre nós, é sempre maior que o nosso pasmo. Que grande rio o Tejo para crocodilos e jacarés!

* * *

O novo ministro da Marinha, sr. dr. Pais Gomes escolheu para seu chefe de gabinete o capitão de fragata sr. Carlos Cesar Freitas da Silva.

O sr. dr. Antonio Granjo, ministro do Comercio, nomeou chefe de gabinete o sr. Manuel Rodrigues dos Santos; secretario, o sr. Raul Nunes Correia e secretario particular o deputado e oficial do exercito sr. Julio Cruz.

Nilo Peçanha

O brasileiro eminente que hoje passou algumas horas em Lisboa merece homenagens muito especiais de todos os portugueses.

Não lhe são estas devidas apenas pela sua alta mentalidade de politico e de estadista, querido e respeitado num paiz que, mesmo na hora desagradavel de injustas, ainda que limitadas, campanhas contra Portugal, é, na quasi absoluta totalidade dos seus habitantes, amigo de Portugal. Mas sobretudo pela devoção comprovada á nossa Patria, devoção inseparavel, no grande coração e na rara inteligencia de Nilo Peçanha, do culto e do amor que a todo o instante ele patrioticamente consagra ao Brasil bem-amado.

Nilo Peçanha começou muito cedo a sua carreira de homem publico:—aos vinte e dois anos, com a proclamação da Republica Brasileira, foi eleito deputado á Constituinte. Logo se revelou como um orador notabilissimo e como um espirito de vasta e fulgurante visão, de claro e ponderado raciocinio, de penetrante e seguro entendimento. Triunfou com exito retumbante; e os seus triunfos acentuaram-se dia a dia, quer, alguns anos depois, na sua cadeira de senador, e na sua presidencia do Estado do Rio, onde demonstrou poderosas faculdades de organisador e de administrador; quer, mais tarde, na vice-presidencia da Republica, quando em 1907 o Presidente Afonso Pena morreu.

Se até aí o seu afecto a Portugal se manifestára com solicitude constante e com simpatia apaixonada, desde esse momento traduziu-se em actos do maior e mais transcendente alcance para as boas relações entre os dois paises fraternos. Foi, com efeito, Nilo Peçanha quem convidou D. Carlos para visitar o Brasil—no intuito evidente de criar uma estreita aproximação entre o seu e o nosso paiz. Foi, com efeito, Nilo Peçanha quem reconheceu a Republica Portuguesa pouco depois do advento do novo regime, muito antes de que outros Chefes de Estado determinassem fazê-lo, e ainda inspirado no mesmo lisongeiro intuito de afirmar amisade e solidariedade a Portugal. Alguem me contou, no Rio de Janeiro, que essa decisão carinhosa fôra tomada por Nilo Peçanha sob a sua unica e pessoal responsabilidade...

Estes dois factos, de tão solene e efectiva importancia, bastam para dar ao dr. Nilo Peçanha os mais inegaveis direitos á nossa estima profunda, á nossa dedicação enternecida...

Mas veio a guerra. E Nilo Peçanha foi ao ministerio dos Estrangeiros, o ministro que fez a guerra, levando o Brasil a enfileirar-se ao lado dos Aliados, na plena consciencia da sua missão latina. Mais uma vez sentimos em mil circunstancias ainda insuficientemente conhecidas, o valor da sua simpatia e o calor do seu afecto. Sob a sua direcção, o Brasil provou-nos, eficazmente, que não era apenas nosso irmão pelo sangue e pela lingua:—era tambem nosso companheiro de ideal, palpitando e vivendo comnosco numa identica aspiração do Futuro...

Eis, rapidamente traçado, o «perfil lusitano» do brasileiro ilustre que hoje passou em Lisboa. Da sua figura excepcional, do seu trato encantador, das suas qualidades excelsas, muito haveria a dizer, se porventura eu tentasse esboçá-las nestas linhas, breves.

Elas só pretendem, porém, significar-lhe a admiração e o reconhecimento patriotico de todos os que trabalhem nesta casa—e as saudações sinceras e fervorosas dum português obscuro, que em Nilo Peçanha vê o penhor mais estavel e mois forte da amisade luso-brasileira...

J. de B.

LAVOURA MECANICA

Promovidas pela Empresa Agricola Portugal e Ultramar, Limitada, realizam-se no proximo domingo, ás 3 horas da tarde, em Vila Franca de Xira, nos terrenos fronteiros á quinta das Areias, propriedade do Ex.^{mo} Sr. José Pereira Palha Blanco, experiencias de lavoura mecanica com a auto-charrua alemã W. D., (não é um tractor), genero de maquina novo em Portugal.

Foi graças ás auto-charruas W. D., Stock e outras, que durante a guerra a Alemanha conseguiu manter a sua lavoura em grande prosperidade, apesar da enorme falta de braços.

Os comboios convenientes são o tramway que parte do Rocio á 1,20 e para regresso o que sai de Vila Franca ás 7,20.

MAGAZINE

Bailes russos

Mademoiselle Egorova, a estrela dos bailes imperiais de Petrogrado dançará nos primeiros dias de Junho, na «Comedie-Moutaigne», algumas daquelas danças em que a sua arte se desdobra de tal forma, que em cada gesto seu, em cada atitude, em cada movimento. há a graça, e a beleza de todos os ritmos.

Mademoiselle Egorova que tem estado doente, impossibilitada de dançar, vai reaparecer agora em Paris, com algumas das suas melhores criações. Além do delicioso «ballet» «Marie Taglioni e Fanny Elssler», Mademoiselle Egorova dançará, com madame Karpova e M. Wassilief, danças classicas sobre musicas de Claude Debussy, Chopin, Sarasate e Rimsky-Korsakroff.

A cor local da Russia do ultimo seculo será dada por danças russas do departamento de Riazan, sobre musicas de Borodine, Liadoff, Moussorgsky e Dvorjak.

"Paris qui filme„

No teatro Moulin-Bleu de Paris acaba de alcançar um ruidoso sucesso a revista «Paris qui filme» de Clément Vautel e Max Eddy.

Clément Vautel, jornalista muito conhecido, cronista brilhante, pôs na sua revista, de colaboração com Max Eddy, muita graça leve, muita ironia ligeira, e um grande cuidado em não precipitar os acontecimentos e as sensações.

«Paris qui filme» é uma estreia brilhante, a estreia de autores a que não falta talento, nem originalidade.

No desempenho da peça, mereceram referencias especiais das criticas mademoiselle Yvonne Harnold Lenars, Paul Muris, Jean Devalde e Geo Flandre.

O elixir da verdade

Lemos em qualquer parte uma observação interessante a respeito desta descoberta que tem sido tão falada.

Afinal o elixir que obriga a dizer a verdade, quer se queira quer não, e até sem se dar por isso, está descoberto há muito, e para o obter não é preciso recorrer ás drogas scientificas ou farmaceuticas: basta uma garrafa de bom vinho para provocar confidencias, umas vezes alegres, outras pateticas, melancolicas.

Já diziam os latinos: In vino veritas.

E andam a fazer tanto reclame a uma droga que para ser administrada é capaz de necessitar de precauções, pode fazer doer e provocar caretas, quando já havia há tanto um remedio tão bom, que já nos tempos biblicos obrigava os mortais a abusarem dele.

A nova sala de Velasquez no Museu do Prado

O rei de Espanha, acompanhado pelo ministro da Instrução Publica e pelo director geral de Belas Artes, irá inaugurar a nova sala de Velasquez.

Terá esta quatro grandes quadros. «A adoração dos res», executava aos 18 anos, «Cristo cruxificado», obra de fama mundial a «Coroação de Virgem» e os «Ermitões S. Pedro e S. Paulo».

A's duas salas de Velasquez que ficam agora existindo, juntar-se-há uma outra destinada a quadros pequenos para não ficarem perdidos entre as grandes. Serão dispostos a distancias bastante grande, para que a sua muito grande proximidade não seja cousa de não deixar incidir sobre cada um toda a atenção, como acontece na maior parte das salas.

TEATROS

No Gimnasio

«Adão e Eva»—peça em três actos de *Jaime Cortezão*

Jaime Cortezão é um poeta, é um grande poeta, mas por isso mesmo, não é um dramaturgo. Nas suas peças há discursos, não há acção. O palco é a sua tribuna. Os seus personagens falam demais, falam mais do que pensam.

Adão e Eva é uma peça retórica, atafulhada de palavras, uma série de artigos de fundo, alguns dos quais, muito brilhantes. A peça, que é fraca como teatro, podia impôr-se pela novidade da tese. Mas nem isso. O assunto de *Adão e Eva* foi explorado, frequentes vezes, por Octave Mirbeau, nos *Mauvais bergers*, notavelmente.

Adão e Eva é uma peça falhada mas é um belo livro. Tem páginas que hão de ficar, pelo vigôr com que estão escritas, pela fé que as anima.

Duas palavras sobre o desempenho. Berta de Bivar conseguiu que eu não tivesse uma opinião sobre o seu trabalho. Não sei se ela foi bem ou se ela foi mal: foi...

Alves da Cunha gritou demais na casa dos outros. No segundo acto, ao entrar em casa alheia, podia ter abotoado o colete, quando mais não fôsse, por instinto... Justo é dizer que tem algumas passagens felizes, alguns relampagos de grande actor.

Otelo de Carvalho fez o que pôde, mas pôde pouco... Otelo de Carvalho tem um lugar marcado no teatro burguez, no teatro de costumes...

Augusto Machado, António Palma, Julia de Assunção, procuraram ser agradaveis ao sr. Jaime Cortezão. Não sei se conseguiram...

A alta consideração que tenho pelo sr. Jaime Cortezão e que não cabe nestas rapidas linhas, força-me a prometer um artigo sobre *Adão e Eva*, Adão e Eva no paraizo perdido...

Antonio Ferro

Entre nós

Em digressão pela provincia parte de Lisboa, no próximo dia 1 de Junho, a companhia constituida agora pelo popular actor Silvestre Alegrim, que tem por itinerário todo o paiz.

O repertório consta das peças de agrado certo, *O Az*, *Madrinha de Charley*, *Pinto calçudo*, *Conde Barão* e *Comissário de policia*, sendo o elenco composto dos artistas Silvestre Alegrim que, artisticamente, dirige a «tournée», Humberto Miranda, que a administra, Adriano de Mendonça, Pereira da Silva, Aquiles Frias, António Rosa, Ruy da Silva, Vieira da Cunha, António Duarte, Silva Machado, António Gonçalves (ponto), Pinheiro Brandão (contra-regra) e Miguel Rosa (maquinista), e as actrizes Julieta Silva, Alice Miranda, Gina Conde, Mercedes Celeste, Joaquina Velez, Judit Silva e Maria Pestana.

Festas artisticas

E' ámanhã que, no teatro S. Luiz, realisa a sua festa artistica o distinto tenor Fernando Pereira, com a «reprise» da encantadora opereta, de Emmerich Kalmann «O Reisinho», que esta epoca se canta pela primeira vez.

Completa o espectaculo a primeira representação do novo original português «Boa Viagem», de Pedro Bandeira e Guedes Vaz, com musica de Neuparth Vieira e Kjoner, a qual está assim distribuida: «Olinda», Auzenda de Oliveira; «Tia Estrudes», Sofia Santos; «Maria», Beatriz Gouveia; «Fernando», Fernando Pereira; «Mateus», Sebastião Ribeiro, e «Alferes Duarte», Armando Saraiva.

Reclamos

NACIONAL.—Conquistou agrado geral a peça «Simone», que tem agora em scena o Nacional. Com um entrecho delicado e interessante, que mantem a curiosidade dos espectadores, o original de Brieux tem ainda a realçar-lhe as brilhantes qualidades, um optimo desempenho.

S. LUIZ—A lindissima opereta «Os Sinos de Corneville» repete-se esta noite mais uma vez: o que é o mesmo que dizer que o teatro de S. Luiz terá uma nova enchente, visto que há muito tempo se não apresenta em publico uma opereta em que toma parte um nucleo da artistas tão notaveis como o que actualmente desempenha a encantadora partitura de Planquetté. Todas as noites o publico que enche o teatro de S. Luiz se não cança de aplaudir com entusiasmo as actrizes Aldina de Sousa e Beatriz Gouvela e os actores Henrique Alves, Fernando Pereira e Armando Saraiva que todas as noites bisa a linda valsa do primeiro acto.

SALÃO FOZ O Salão Foz desfruta a primasia a todos os teatros da capital na concorrencia ás suas duas sessões nocturnas, em que se exibe a linda «reverie» que ali tem atraido o poder do mundo, o impecavel «Trolaró», maravilha das maravilhas no genero revista, e peça em que todos os artistas, fazendo verdadeiras creações, têm timbrado em ganhar a primazia.

COLISEU DOS RECREIOS— Após perto de um mês de admiraveis trabalhos de ilusionismo, Great Carmo vai deixar Lisboa. Mas o assombro causado pelos seus admiraveis exercicios é tão grande que não se extinguirá com a partida ds celebre artista, pois viverá por muito tempo. Como está na ultima semana dos seus espectaculos, varia todas as noites os seus programas, de maneira que o publico nunca se cansa.

APOLO—Este teatro continua a encher-se todas as noites com a representação da fantasia regional do norte «Porto tantos de tal», a linda peça de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, musica de Fernando Athos e Bernardo Ferreira.

O conflicto academico

Uma carta do estudante de Direito sr. Esteves Cardoso

Lisboa, 22-5-921.—*Sr. Director*:—Em testemunho da verdade dos factos, ocorridos numa reunião de estudantes da Faculdade de Direito, onde foi apresentada uma *declaração* assinada por um grupo de alunos daquela Faculdade, a que assistiu tambem um grupo de alunos d'outras escolas superiores e onde tambem estive presente, tenho o dever de esclarecer V., que tal declaração não só não colheu a aprovação da maioria da assembleia, então assistente, porque tal documento e as suas afirmativas *nem sequer foram discutidas*, antes, pelo contrário, a leitura de algumas das suas *infelizes expressões* foram acolhidas com gritos e protestos da maioria, a ponto tal que o estudante que presidia á reunião, que, segundo ouvi, é até um dos signatários do papel, se viu forçado a declarar á assembleia que assim repudiava algumas afirmações do documento,—que «não podia deixar de aceitar na meza aquele documento, por se tatar de *uma simples declaração*, da responsabilidade dos signatários, e não de uma moção ou proposta a submeter á assembleia».

Só nestes termos tal declaração passou e por ela não póde ser imputada responsabilidade alguma aos estudantes desta Faculdade e nem sequer á maioria da reunião, que, incidentemente, a ouviu lêr.

Por minha parte, *embora nada predilecto pelas greves*, nunca assinaria uma declaração como aquela, em que se fazem graves e incorrectas insinuações, que, injustamente, envolvem a dignidade de conduta de centenares de colegas, muitos deles não menos dedicados e aplicados aos seus deveres escolares do que os declarantes, e fere os elementos directivos da Federação Academica de Lisboa, onde há, indiscutivelmente, estudantes *dos mais distintos* dos nossos institutos superiores de ensino.

Estou, por isto, convicto de que a maioria dos signatários, se não todos, não teriam em vista lançar sobre os seus colegas o labeu e as insinuações que na sua declaração se lêem, mas que, tendo como unico intuito fazer oposição á contingencia de qualquer futuro movimento de greve no meio academico, na precipitação do seu gesto não repararíam na gravidade e injustiça das expressões que assinavam.

Reconsiderar é sempre bom e é nobre fazer justiça.

Pela publicação desta me confessaria muito grato, pela lealdade do ilustre jornalista, dando ensejo a que eu cumpra um dever que a verdade impõe.—De V., etc.—*M. Esteves Cardoso*, estudante de Direito.

AUTOMOVEIS

Vendem-se 2, Berliet e Brasier.
Largo do Marquez do Lavradio, n.º 15.

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos presados assinantes que começámos a mandar para o correio os recibos das suas assinaturas referentes ao 1.º trimestre. A todos pedimos o favor especial de os satisfazerem logo que lhes sejam apresentados pelo correio, evitando assim a sua devolução e, consequentemente, novas despesas de cobrança com o seu novo envio.

A ADMINISTRAÇÃO

Livraria PORTUGALIA Editora

Gabinete de Leitura

Portuguesa
Francesa e Hespanhola

9.000 obras dos melhores autores

Completa variedade de ROMANCES
Poesia—Historia—Filosofia—Arte—Finanças, etc., etc.

Mensalidade 1$20
Catalogos 1$50

75—Rua do Carmo—75

ARTE & LETRAS

(PEÇA INCOMPLETA DE OSCAR WILDE)

A SANTA CORTESÃ
OU
A MULHER COBERTA DE JOIAS

O scenário representa um recanto dum vale da Tebaida. A' direita, abre-se uma caverna. Em frente da caverna ergue-se uma grande cruz.

A' esquerda, estende-se dunas de areia.

O ceu é azul como o interior duma taça de lapis-lázuli.

As colinas são de areia avermelhada. Aqui e acolá, pelas colinas, vêem-se pequenas moitas de espinheiros.

Primeiro homem — Quem é essa mulher? Faz nascer na minha alma o terror. Cai-lhe dos ombros um manto de purpura e os seus cabelos são como fios de oiro. Parece ser a filha do Imperador. Ouvi dizer aos barqueiros que o Imperador tem uma filha que traz um manto de purpura.

Segundo homem — Ela tem azas de ave nas sandalias e a sua tunica é da côr do trigo verde. Assemelha-se ao trigo na primavera, quando ela se levanta e permanece imovel; e, quando se move, faz lembrar o trigo novo, agitado pelas sombras dos falcões; as pérolas que lhe ornam a tunica parecem outras tantas luas.

Primeiro homem — São semelhantes ás luas que se vêem na agua, quando o vento sopra das colinas.

Segundo homem — Parece-me que é uma deusa, e que vem da Nubia.

Primeiro homem — Estou certo que é a filha do Imperador. As suas unhas são pintadas de Alcana e semelhantes ás pétalas de uma rosa. Veiu aqui chorar pelo seu Adonis.

Segundo homem — E' uma das deusas. Não sei porque saiu do templo. As deusas nunca deviam sair dos seus templos. Se ela se dirigir a nós, não lhe respondamos e passará adiante.

Primeiro homem — Ela não nos ha de falar. E' a filha do Imperador.

Myrrhina — Não vive aqui o joven e belo ermita, que não quere ver o rosto duma mulher?

Primeiro homem — Sim: é aqui que ele vive.

Myrrhina — Porque não quere ele ver o rosto de uma mulher?

Segundo homem — Não o sabemos.

Myrrhina — E porque é que vós não olhais tambem para mim?

Primeiro homem — Estás coberta de pérolas scintilantes que nos ofuscam a vista.

Segundo homem — O que fita o sol, encegueece. Tu apresentas-te envolta de um brilho tão intenso, que não podemos fixar-te. Não se devem fixar as coisas demasiado brilhantes. Muitos dos sacerdotes dos templos encegueceram e carecem de escravos que os guiem.

Myrrhina — Onde habita o joven e belo ermita que não quere ver o rosto de uma mulher? Vive numa choupana feita de canas, ou de argila? Passa a noite na vertente da colina, ou entre os espinheiros?

Primeiro homem — Vive naquela caverna, que vês lá em baixo.

Myrrhina — Que sitio tão extraordinario para ali ir viver.

Primeiro homem — Outrora viveu lá um centauro. Quando o ermita lá chegou, o centauro soltou um grito penetrante, chorou, gemeu e fugiu para longe, a galope.

Segundo homem — Não: Quem lá vivia era um licorne branco. Apenas viu que o ermita se aproximava, poz-se de joelhos e adorou-o. Muitas pessoas o viram adorá-lo.

Primeiro homem — Falei como os homens que o viram.

……

Segundo homem — Alguns dizem que era um cortador de lenha e que ganhava o seu pão trabalhando dia a dia.

……

Myrrhina — Que deuses adorais vós? Ou, melhor, adorais algum deus? Há pessoas que não adoram os deuses. Os filósofos, que usam barba intensa e trazem um manto escuro, não adoram os deuses. Disputam uns com os outros debaixo do pórtico. O (......) (1) ri-se deles.

Primeiro homem — Nós adoramos sete deuses, mas não podemos declarar os seus nomes. E' muito perigoso pronunciar os nomes dos deuses. Ninguem deveria dizer o nome do seu deus. Os mesmos sacerdotes que passam o dia a louvar os deuses e se alimentam da comida deles, não os invocam pelos seus verdadeiros nomes.

Myrrhina — Onde estão êsses deuses, que vós adorais?

Primeiro homem — Trazêmo-los ocultos nas dobras das nossas tunicas. Não os mostramos a ninguem. Se os mostrassemos a alguem, podia dar-se o caso de nos abandonarem.

Myrrhina — E onde é que os encontrastes?

Primeiro homem — Foram-nos dados por um embalsamador de mortos, que os encontrou num tumulo. Há já sete anos que os servimos.

Myrrhina — Os mortos são temiveis. Tenho medo da Morte.

Primeiro homem — A Morte não é uma deusa. Não é mais que a serva dos deuses.

Myrrhina — E' a unica deusa de quem eu me receio. Vistes já muitos deuses?

Primeiro homem — Já vimos muitos. A noite é o tempo mais propicio para os ver. Passam vagarosamente por junto de nós. Uma vez tambem os vimos ao despontar do dia. Atravessavam uma planicie.

Myrrhina — Um dia, ao passar pela praça do mercado, ouvi um sofista da Sicilia a dizer que só havia um Deus. Afirmava-o diante de um grande numero de pessoas.

Primeiro homem — Isso não pode ser verdade. Nós próprios vimos já muitos deles, apesar de não passarmos de pessoas humildes e sem importancia. Quando eu os avistei, escondi-me num pequeno bosque de espinheiros, e não me fizeram mal nehum.

……

Myrrhina — Dizei-me mais alguma coisa ácerca do joven e belo ermita. Falai-me do joven e belo ermita que não quere olhar para o rosto de uma mulher. Contai-me a historia do seu passado. Que género de vida leva ele?

Primeiro homem — Não te compreendemos.

Myrrhina — Que faz o joven e belo ermita? Semeia ou ceifa as cearas? Cultiva um jardim, ou pesca ao anzol? Tece o linho ao tear? Ocupa-se a lavrar a terra, ou anda atraz dos bois?

Segundo homem — Como é um homem muito santo, não faz nada. Nós somos homens humildes e sem importancia: trabalhamos desde o nascer ao pôr do sol. E algumas vezes o sol é bem cruel para nós.

Myrrhina — Talvez as avesinhas do ceu o alimentem. Repartirão com êle a sua prêsa os chacais?

Primeiro homem — Todas as noites lhe damos alguma coisa de comer. Não acreditamos que as aves do ceu lhe levem o alimento.

Myrrhina — Porque é que vós lhe dais de comer? Que vos aproveita isso?

Segundo homem — E 'um homem muito santo. Um Deus a quem ele ofendeu, castigou-o com a loucura. Parece-nos que pecou contra a lua.

Myrrhina — Ide, e dizei-lhe que uma pessoa recemchegada de Alexandria deseja falar-lhe.

Primeiro homem — Não nos atrevemos a fazê-lo. A esta hora deve estar entregue á oração. Pedimos-te que nos desculpes de não cumprirmos as tuas ordens.

Myrrhina — Tendes medo dele?

Primeiro homem — Sim: temos medo dele.

Myrrhina — Porque tendes medo dele?

Primeiro homem — Não o sabemos.

Myrrhina — Qual é o seu nome?

Primeiro homem — A voz que fala com ele durante a noite na caverna, chama-o Honorio. Foi assim que o chamaram os três leprosos que um dia passaram por ali. Parece-nos que se chama Honorio.

Myrrhina — Porque é que os três leprosos chamaram por ele?

Primeiro homem — Para que ele os curasse da sua lepra.

Myrrhina — E curou-os ele de facto?

Segundo homem — Não: tinham cometido um pecado, e era por isso que tinham contraido a lepra. As suas mãos e rosto eram semelhantes ao sal. Um deles trazia uma máscara de linho. Era o filho de um rei.

Myrrhina — Que espécie de voz é a que fala com ele durante a noite, na caverna?

Primeiro homem — Não o sabemos. Julgamos que é a voz de Deus. Nunca vimos nenhum homem entrar ou sair dessa caverna.

……

Myrrhina — Honorio!

Honorio (do interior) — Quem chama por Honorio?

Myrrhina — Vem, Honorio!

……

O meu quarto é forrado de cedro e perfumado de mirra. As colunas do meu leito são de cedro e as tapeçarias de purpura. O meu leito é recamado de purpura e os degraus que conduzem a ele são de prata. As tapeçarias são como romãs de prata e os degraus de prata estão impregnados de açafrão e mirra. Os meus amantes ornam de grinaldas as colunas da minha casa. A' noite trazem em sua companhia tocadores de flauta e de harpa. Cortejam-me com maçãs e á entrada do meu pomar escrevem o meu nome com vinho. Tenho amantes que veem das partes mais afastadas do mundo. Os reis veem ter comigo e me oferecem presentes.

Quando o Imperador de Bizancio ouviu falar em mim, saiu da sua camara de pórfiro e navegou para ali nas suas galeras. Os escravos não traziam archotes para que ninguem tivesse conhecimento da sua chegada. Quando o Rei do Chipre ouviu falar em mim, enviou-me os seus embaixadores. Os dois reis da Libia, que são irmãos, trouxeram-me presentes de ambar.

Eu arrebatei a Cesar o seu Predilecto e fiz dele o companheiro dos meus divertimentos. Veiu ter comigo numa liteira. Era pálido como um narciso e seu corpo era como o mel.

O filho do Prefeito suicidou-se em minha honra e o Petrarca da Sicilia flagelou-se diante dos meus escravos para me dar prazer.

O rei de Hicrapoles, que é um sacerdote e um bandido, estendeu tapetes diante de mim, para que eu marchasse sobre eles.

Algumas vezes vou ao Circo, onde vejo os gladiadores encarniçados na luta. Uma vez, um trácio, que era meu amante, caiu na rêde. Fiz sinal para que o matassem e o teatro aplaudiu o meu gesto. De tempos a tempos, atravesso o Ginásio e vejo os jovens lutando e correndo. Os seus corpos brilham, ungidos de azeite, e as suas frontes são coroadas de ramos de salgueiro e de murta. Batem com os pés na areia, quando lutam, e quando correm, a areia acompanha-os como uma pequena nuvem. Aquele, a quem eu acaricio com um dos meus sorrisos, abandona os seus companheiros e segue-me para casa. Outras vezes, desço até ao porto e vejo os negociantes descarregando os seus navios. Os que veem de Tiro, trazem mantas de seda e brincos de esmeraldas. Os que veem de Massilia, trazem mantas de lã fina e brincos de bronze.

Quando me vêem caminhando para os seus navios, correm á prôa e chamam por mim, mas eu não lhes respondo. Entro nas pequenas tabernas, onde os marinheiros passam o dia inteiro, deitados, a beber vinho tinto e a jogar, e sento-me junto deles.

Fiz do Principe um dos meus escravos e a um dos seus escravos, que era de Tiro, fi-lo meu senhor, durante uma lunação inteira.

Meti-lhe um anel no dedo e levei-o para minha casa. Tenho coisas maravilhosas em minha casa.

O pó do deserto cobre-te os cabelos, os teus pés estão rasgados pelos espinhos e o teu corpo queimado pelo sol. Vem comigo, Honorio, e revestir-te-hei duma tunica de seda. Perfumarei o teu corpo com mirra e os teus cabelos, de nardo. Revestir-te-hei de jacinto e encherei de mel os teus labios. O amor...

Honorio — Não há outro amor além do amor de Deus.

Myrrhina — Quem é êsse, cujo amor é superior ao dos mortais?

Honorio — E' aquele que tu vês sobre a cruz, Myrrhina. E' o Filho de Deus, que nasceu duma Virgem. Três Magos, que eram reis, lhe trouxeram presentes, e os pastores, que dormiam nos montes, acordaram aos clarões duma luz intensa.

As Sibilas tiveram conhecimento da sua vinda. Os bosques sagrados e os oráculos falaram dele. David e os Profetas anunciaram-no. Não há amor como o amor de Deus; amor nenhum se lhe pode comparar.

O corpo é vil, Myrrhina. Deus há de ressuscitar-te com um corpo novo, que não há de conhecer a corrupção e tu hás de habitar na Côrte do Senhor, e ver aquele cujos cabelos são como a lã fina e cujos pés são de bronze.

Myrrhina — A beleza...

Honorio — A beleza da alma vai crescendo dia a dia, até chegar a ver a Deus. E, por isso, arrepende-te dos teus pecados. Ele levou comsigo para o Paraiso o ladrão que foi crucificado ao seu lado.

Myrrhina — Que modo tão estranho de me falar! Com que desprêso olhava para mim! Não sei porque me falou duma forma tão estranha!

……

Honorio — Myrrhina, cairam-me dos olhos as escamas que os velavam e agora vejo claramente o que até aqui não tinha visto. Leva-me para Alexandria e faze-me experimentar o gôso dos teus sete pecados.

Myrrhina — Não zombes de mim, Honorio, nem me dirijas palavras tão amargas, porque me arrependi dos meus pecados e procuro uma caverna no deserto, onde possa tambem viver, a fim de que a minha alma se torne digna de ver a Deus.

Honorio — E' sol posto, Myrrhina. Vem comigo para Alexandria.

Myrrhina — Não irei para Alexandria.

Honorio — Adeus, Myrrhina!

Myrrhina — Adeus, Honorio! Não, não, não partas.

……

Eu amaldiçoei a minha beleza por tudo o que tem feito e amaldiçôo os encantos do meu corpo, pelo mal que te causaram.

Senhor, êste homem trouxe-me a teus pés. Falou-me da tua vinda á Terra, do teu Nascimento maravilhoso e da tua Morte, igualmente maravilhosa. Tu foste-me revelado por meio dele.

Honorio — Falas como uma criança, Myrrhina; não sabes o que dizes. Não apertes assim as tuas mãos. Porque vieste a este vale, em todo o brilho da tua beleza?

Myrrhina — Trouxe-me aqui o Deus que tu adoras, para que me arrependesse das minhas iniquidades e o reconhecesse como Senhor nosso.

Honorio — Porque me tentaste com as tuas falas?

Myrrhina — Para que pudesses ver o Pecado, sob a sua máscara enfeitada e contemplar a Morte no seu traje de Vergonha.

Almeida Paiva

---

(1) A palavra que falta é ilegivel no manuscrito.

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Friso

Mas que pregunta a sua! Como hei-de responder?
—Você quere imitar uma mulher notavel—
E, ante esse seu capricho, não sei que lhe dizer
porque o acho dificil, absurdo, irrealisavel...

E' complicado, sabe? E como quere você
que eu lhe faça uma lista assim, neste momento?
Cleopatra, Loïe-Fuller, Pavlowa, Salomé,
ou Sapho, a insinuar, o seu desejo lento?...

Não sei—posso jurar-lh'o—não sei o que lhe diga.
Você é inferior e superior a todas ..
E' superior apenas por ser a minha amiga
mas inferior, decerto, na escravidão das modas...

P'ra você imitar, não vejo... Salomé,
é um jardim perverso onde ha caules esguios...
E eu não desejo ser Yokanam bem vê,
nem quero vêr meu sangue a escoar-se em rios...

Cleopatra? Não gosto... Era uma requintada
Mas chegava a um requinte histerico demais...
Por vezes tinha a alma tão má, tão complicada
que os beijos dela feriam, em gumes de punhais...

Mas qual então, mas qual?—dirá, já impaciente...
Pavlowa? E porque não? Seria delicioso,
Languidamente alada, inverosimilmente,—
Vêl-a a bailar, num passo hieratico, nervoso...

Pavlowa é um longo sonho escrito com os gestos
você seria um sonho escrito com os labios..
E em seus beijos argutos, solicitos e lestos,
aprenderia eu os grandes prazêres sabios..

Dançar, seria, então, a sua imensa entrega,
E as suas atitudes seriam deambulantes...
E o seu riso vermelho, tão rubro que me cega
Teria, para mim, seus tons desabrochantes...

Mas não... Era impossivel... Você dessa maneira,
tinha que revelar-se, incrivelmente, toda...
E passava a não ser de todas, a primeira,
passava, sobretudo, a estar fora de moda...

Paciencia... Não encontro... E já procurei tanto!
Nada pude saber por mais que percorri...
Ha só um meio extremo; escute-o, por emquanto—
—E, provisoriamente, vá-se imitando a si...

João Ameal

Conferencia Parlamentar Internacional do Comercio

O programa de ámanhã

E' ámanhã que se realiza na sala da Camara dos Deputados a sessão inaugural do 7.ª assemblea plenaria da Conferencia Parlamentar Internacional de Comercio. A's 11 horas, o sr. Presidente da Republica receberá as delegações estrangeiras no Palacio Nacional de Belem.

A' sessão de abertura, que terá lugar ás 14 e meia, assistem o sr. Presidente da Republica, governo e corpo diplomatico, devendo proceder-se á eleição da mesa.

A's 21 horas, realisa-se no palacio do Congresso o banquete oferecido pelo Parlamento, sob a presidencia do sr. general Correia Barreto, presidente do Senado.

A bordo do «Lutetia», chegaram a Lisboa as missões grego, tcheco-slovaca, francesa e inglesa que vêm tomar parte na Conferencia Inter-Parlamentar do Comercio.

CURIA
GRAND HOTEL
Aberto desde 1 de Junho. Este sanatorio é a 2 metros do Balneario. Culinaria á francesa. Dirigido pelo seu proprietario
Afonso Rodrigues Costa

DIARIO DE LISBOA
Encontra-se á venda em todos os quiosques e tabacarias.

SALVEMOS O NOSSO PATRIMONIO!

O QUE É A LEI DE PROTECÇÃO ARTISTICA E BIBLIOGRAFICA

O sr. dr. Augusto Gil, director geral das Belas Artes, diz ao "Diario de Lisboa" que é necessario fazer uma nova lei que acautele todos os manuscritos, codices, processos e diplomas anteriores a 1801

A proposito de leis de protecção artistica e bibliográfica, assunto sobre o qual já ouvimos os srs. José de Figueiredo e João Santiago Presado, quizemos recolher a opinião do sr. dr. Augusto Gil, director geral de Belas Artes e com superintendencia tambem nos serviços das bibliotecas e arquivos. Não foi tempo desperdiçado, porque são dignos de registo os esclarecimentos que obtivemos e que passamos a reproduzir tão fielmente quanto no-lo permite a lufa lufa do jornalismo.

—Há efectivamente e em pleno vigor «no papel oficial do Diario do Governo» (o sr. dr. Augusto Gil sublinhou com um sorriso de amarga ironia estas ultimas palavras) uma lei de protecção artistica. E' o decreto ditatorial de 19 de Novembro de 1911. Esse diploma teve o alto intuito de acautelar o muito que ainda nos resta do nosso patrimonio artistico. Pelas suas disposições, tornou-se defeso:

1.º A alienação, sem consentimento prévio, de obras de arte notaveis, objectos arqueológicos ou de valor historico pertencentes ao Estado, ás Camaras Municipais, juntas de paroquia, institutos publicos de ensino e de benificencia, corporações legais de qualquer natureza e ainda as associações particulares directa ou indirectamente subsidiadas pelo Estado.

2.º A saida para o estrangeiro, sem autorisação, desses mesmos objectos, que estejam na posse das entidades já indicadas ou na de simples particulares.

3.º O restauro e concerto, sem autorisação, de objectos de arte e arqueologicos quer possuidos por entidades oficiais, quer por colectividades ou individuos particulares.

Como vê, é uma lei de malhas apertadas e, embora haja conveniencia em regulamentá-la, a falta de regulamentação não seria um impedimento de que ela se cumprisse. A dificuldade é outra...

—Qual? preguntámos.

—Já lá vamos, ao ponto fraco, objectou o sr. dr. Augusto Gil. E prosseguiu: Tenho aqui—e sacou duma gaveta da secretaria dois grossos rolis de papel—um projecto de regulamento que foi elaborado pelos srs. Julio Dantas, José de Figueiredo, Luciano Freire, D. José Pessanha e outros. A simples enunciação destes nomes é mais que bastante para se concluir que é uma peça notavel. Esse projecto excede porém, com frequencia, o ambito restrito em que tem de confinar-se um regulamento. Altera disposições do Codigo Civil que estão de pé, altera a propria lei de 1911 que pretende regular. Ora verifique. E o sr. dr. Augusto Gil escolhe de entre as numerosas anotações feitas, por seu punho á margem do regulamento, uma que nos aponta: pela lei de 1911, os particulares podem, a dentro do territorio português, dispôr «livremente» dos objectos artisticos ou arqueologicos que possuam; mas, pelo projecto de regulamento, a transferencia desses objectos, por cabotagem de um para outro ponto do paiz ou para as ilhas adjacentes, só é realisavel mediante consentimento previo. Cito-lhe este exemplo e, se necessario se tornasse, indicar-lhe-hia dezenas de outros em que a lei e o projecto de regulamento jogam as cristas. Como os ilustres autores do projecto são pessoas que sabem o que fazem, sou levado á certeza de que eles o elaboraram para ser aprovado nalgum dos periodos ditatoriais que têm interrompido a normalidade de administração publica. Então, podia dar-se-lhe a fórma de decreto regulamentar com força de lei e tudo ficava bem, porque as alterações ao diploma de 1911 e a outros quaisquer, obteriam vigor executivo.

E' natural que me pergunte agora: Mas porque motivos se não aproveita, «desde já», o que esse projecto contem de excelente, e, ao menos na parte que seria viavel por não colidir com as leis existentes? Resposta do sr. dr. Augusto Gil: A actualisação do projecto não demandava mais de dois dias de facil trabalho, porque me bastaria coordenar os apontamentos com que marginei a optima tarefa realisada pelos meus ilustres camaradas. Logo que fui incumbido da direcção dos serviços artisticos e que o sr. Luciano Freire chamou a minha atenção para o projecto, li, estudei e anotei o seu texto e preparei-me para o submeter á aprovação ministerial, tal como estava executado se a situação fosse de dictadura, ou, devidamente modificado, na hipotese contraria. Encarei tambem uma outra solução que era a duma proposta em que o diploma de 1911 se substituisse por um outro no qual se incorporariam as modificações contidas no projecto de regulamento.

Houve uma pausa. Dirigimos ao nosso entrevistado uma interrogação muda. O dr. Augusto Gil hesitou um pouco. Depois decidiu-se, desabafou:

—Não o fiz, porque tanto a lei de 1911, regulamentada ou não, como a que lhe sucedesse continuaria a ser letra morta, palavras, palavras, palavras emquanto se não consiga o principal que é isto e, com um dedo hirto, apontou-nos, de largo, como quem mostra um casal de bichos peçonhentos, dois artigos da lei de 1911 que nos apressámos a extractar.

... Para as despesas das avaliações serão inscritas anualmente, no orçamento, verbas especiais.

Quando as acquisições que o Governo haja de fazer excedam as verbas do orçamento, serão abertos creditos especiais...

—A' falta de meios pecuniarios para a executar, a lei de 1911 morreu, de inanição, logo á nascença.

Seria justo, seria defensavel que o possuidor de alguma preciosidade artistica residente em Penajoia, em Alhos Vedros, ou em Escalos de Baixo, pagasse do seu bolsinho o exame de peritos que a lei exigia para o concerto ou restauro da sua peça, em risco, talvez, de eminente ruina ou de perda total? Por certo que não... Mas, por outro lado, os infractores estavam sob a ameaça de pagar o triplo do valor do objecto concertado sem consentimento previo. Desta maneira, assediados por três contrariedades—esportularem o exame á sua custa, ou desembolsarem uma pesada multa, ou a ruina completa do objecto artistico, optariam, regra geral, pela ultima. E aqui tem como uma lei de protecção artistica dava resultados contraproducentes...

No § 1.º do artigo 12.º da lei de 1911 fala-se em comissões de arrolamento e, com efeito, o artigo 4.º do projecto de regulamento preceituava que, no praso de seis meses, se iniciasse o cadastramento e estimativa de todo o patrimonio artistico existente na posse do Estado, das corporações administrativas e dos institutos particulares pelo Estado directa ou indirectamente subvencionados. E dinheiro para esse arrolamento? Nem uma suja cedula de cobre... A subscrição nunca se fez nos orçamentos.

Não obstante, por obra e graça dos srs. Augusto Nobre e Julio Martins, parece-me que arranjei maneira de se começar, em breve, a inventariação sistematisada e integral dos valores artisticos do Estado e de se completar e publicar o cadastro descritivo dos monumentos nacionais —se não vier algum sr. ministro das Finanças que deite abaixo, implacavelmente, a minguada receitazinha...

Mas, inquirimos, porque se não cumpre, ao menos, a parte da lei que impede, na medida do possivel, o exodo das obras de arte pelas raias seca e maritima?

Quanto a essas obras artisticas, elucidou o nosso entrevistado, era legitimo que fossem os interessados quem custeasse o exame e avaliação de que dependeria, ou o consentimento para a saida, ou o «veto» que a tal se opuzesse. As alfandegas, porém, não pedem o exame e avaliação previas, provavelmente porque a saida se não faz por lá, mas de outro e clandestino modo. A execução desta parte da lei não é, pois, da interferencia directa da direcção geral de belas artes. Tem um aspecto meramente aduaneiro e de policia fiscal. Ora, se eu não consegui ainda aquilo que ao ministerio da Instrução especialmente e basilarmente compete, que esperanças pode haver de que entidades oficiais estranhas a ele, executem uma lei que esse mesmo ministerio relegou ao abandono?...

Arriscámos outra pregunta. No que respeita ás bibliotecas publicas e livrarias privadas, esse cadaver da lei de 1911 dispunha alguma coisa?

—Quasi nada, e é pena. Refere-se unicamente aos manuscritos iluminados e, só por uma forçada mas perdoavel interpretação do final do texto do artigo 1.º, se poderia entender que ela abrange tambem, a titulo de documentos historicos, outras especies bibliograficas de valor documental. Há, por conseguinte, conveniencia e urgencia de que, numa nova lei, como a inspecção das bibliotecas deseja e como a direcção da Biblioteca Nacional de Lisboa pretende, se incluam tambem na zona de defeza todos os manuscritos, códices, processos, diplomas, em pergaminho ou em papel, anteriores a 1801; os livros impressos até ao fim do seculo XVI, seja qual for o lugar da sua impreshão; as obras impressas em Portugal anteriormente a 1701; as obras de autores portugueses, ou referentes a Portugal impressas em paises estrangeiros até ao fim do seculo XVIII; e ainda uma lista variavel de outras obras do seculo XVIII e mesmo do imediato que anualmente se indiquem no «Diario do Governo». A par de isto, a lei proporcionaria... recursos financeiros necessarios para que a Biblioteca Nacional de Lisboa e o Arquivo da Torre do Tombo pudessem exercer o direito de preferencia nas acquisições particulares e leilões publicos de livros e documentos.

Queriamos conversa maior. O dr. Augusto Gil quebrou-nos porém a corda e disse amavelmente:

—Homem, para entrevista, já chega e sobeja. Disse o preciso. Disse até mais do que seria permitido á minha circunspecção de burocrata e ao meu feitio individual, que sempre foi avesso a exibicionismos...

MÁ-LINGUA

POLITICA...

Lá se foi o Cordeal empandeirado
na forma do costume; mas que seca!
Não. Decididamente, o desgraçado
Não tem nenhum candieiro acêso em Meca!

Tenho por ele um fraco inconfessado,
gosto dos seus olhinhos de boneca...
E se é certo que ás vezes tem pecado,
não sei odiar... um pobre ser que peca.

Quando sobe ao poder, por mais que faça,
ha logo fervedoiros, atoardas,
amotina-se, irada, a populaça.

Mas não é culpa dele, é do Destino.
Como não ha-de provocar *bernardas*
um homem que se chama... *Bernardino*?

Taço

A CIDADE

A AMISADE LUZO-BRASILEIRA

Chegou hoje a Lisboa o ilustre jurisconsulto sr. dr. Nilo Peçanha

—"Sou um velho e apaixonado amigo de Portugal"—são as palavras que por intermedio do "Diario de Lisboa" o antigo vice-presidente, :-: :-: em exercicio, da Republica Brasileira tributa ao nosso país :-: :-:

O desembarque do "Lutetia" --- Na embaixada do Brasil :-: :-: :-: O almoço das Necessidades --- A partida :-: :-: :-:

No vapor «Lutetia» chegou hoje, pelas 8 horas a Lisboa, o sr. dr. Nilo Peçanha, acompanhado de sua esposa. Foram apresentar-lhe cumprimentos a bordo os srs. Barreto da Cruz, em nome do sr. Presidente da Republica, Fontoura Xavier, embaixador do Brasil; Macedo Soares, João de Barros, a familia do sr. Visconde de Morais e muitas outras individualidades. Pouco depois, o sr. dr. Nilo Peçanha desembarcava dum gazolina no Terreiro do Paço, dirigindo-se a casa do sr. Presidente da Republica, a cumprimentar o sr. dr. Antonio José de Almeida, após o qual seguiu para a embaixada do Brasil.

A's 12,30, o sr. dr. Nilo Peçanha chegava ao palacio das Necessidades, onde se realisou um almoço em sua honra, acompanhado pelo sr. Fontoura Xavier e pelo sr. Belfor Ramos. Já se encontravam ahi os srs. dr. João de Barros, Tomé de -Barros Queiroz, Melo Barreto, Columbano Bordalo Pinheiro e outras personalidades.

Algumas palavras do ilustre jurisconsulto

O sr. dr. Nilo Peçanha interrogado por um redactor do *Diario de Lisboa* declarou o seguinte:

—«Ao periodo em que os povos votaram a destruição dos seus maiores tesouros de fé, de heroismo e de coragem seguiu-se, como era natural, esta fase que ahi está de desesperança, de nervosismo, de suspeição, senão de hostilidade, até mesmo entre nações que juntas deram o seu sangue pela liberdade. E' preciso que o tempo realize a sua obra de apaziguamento, de reconstrução, de credito publico e com ela a paz da Europa.

—E o que nos diz v. ex.ª de Portugal?

—Eu sou um velho e apaixonado amigo de Portugal.

O sr. dr. Nilo Peçanha referiu-se depois magoadamente á conflagração europeia e á politica *d'après-guerre*, que de maneira nenhuma representa a liberdade e o desejo das nações e dos povos da Europa.

—Há muitos paizes, afirma, que não teem saida para o mar; outros que não teem as suas fronteiras naturais.

O sr. dr. Nilo Peçanha conversou depois animadamente com o sr. Barros Queiroz, sobre Portugal, tendo palavras de sentido apreço para o nosso paiz.

O banquete em honra do sr. dr. Nilo Peçanha

Pelas 13 horas realizou-se o almoço de gala, em honra do sr. dr. Nilo Peçanha, a que assistiram mesdames Nilo Peçanha, Fontoura Xavier e filha; Macedo Soares, João de Barros, Santos Tavares, Melo Barreto e os srs. Fontoura Xavier, Belfort Ramos, Macedo Soares, Augusto Soares, Tomé de Barros Queiroz, Augusto de Vasconcelos, Jaime Atias, Barreto da Cruz, Columbano Bordalo Pinheiro, E. Santos Tavares e dr. Oliveira Soares.

Em seguida o sr. Tomé de Barros Queiroz, ao «toast», sente-se honrado em apresentar, em nome do governo português, as suas homenagens a uma das mais altas individualidades da raça portuguesa. Refere-se ás discordancias que têm havido ultimamente entre Portugal e o Brasil, discordancias que se devem apenas as intrigas e que não representam de modo algum o Brasil. Somos da mesma raça—afirma o chefe do governo,—brindando á saude do sr. dr. Nilo Pessanha e ás prosperidades do Brasil.

O sexteto toca o hino brasileiro, que é ouvido de pé pelos convivas.

Em seguida, levanta-se o sr. dr. Nilo Pessanha, que proferiu o seguinte brinde:

«Das altas demonstrações de afectuosa cordealidade com que governos europeus acabam de honrar a minha patria, na minha humilde pessoa,—nenhuma sensibilisa mais que essa de Portugal, a glorlosa nação donde provimos, e que soube, não só defender a formação do Brasil da ambição e da conquista das mais poderosas nações daquele tempo, como nos soube conservar a unidade de lingua, a unidade de raça, a unidade de territorio e a unidade de crença de um dos quatro maiores paizes dat terra, que é o Brasil nos dias de hoje.

E nenhuma missão se impõe mais imperiosamente aos homens do governo, na actualidade, que a franca e leal aproximação dos povos nas suas relações de comercio e amisade, certo como é, que entre as desgraças da guerra nenhuma nos aflige tanto que essa atmosfera de suspeição, de desconfiança e de hostilidade que ameaça dividir até as nações que juntas deram o seu sangue pela liberdade e que juntas viveram as horas mais solenes da Historia.

Seja porque o fogo das batalhas não tivesse purificado bastante o mundo, ou que revoluções e guerras nunca tivessem de facto melhorado a especie humana,—cumpre que consideremos como transitorios esses fenomenos morais, politicos e economicos que aí estão a caracterisar a anarquia e o isolamento;—tudo querendo reformar e destruir, ora suprimindo a propriedade e a fortuna, o que valeria por suprimir a liberdade de trabalho donde elas nasceram, ora levantando muralhas á importação estrangeira, como se os povos só não tivessem sido mais felizes, quando á sombra das suas chaminés e das suas usinas, trocavam homens, trocavam ideas, trocavam trabalho e trocavam mercadorias.

O Brasil tem cada dia mais viva a idea da patria, é cada dia mais cioso das suas riquezas, da sua soberania e da execução das suas leis, mas sente palpitante na sua carne, no seu sangue, no seu pensamento e na sua sensibilidade a herança do passado, e sempre terá no curso da sua evolução e da sua gloria de nação um legitimo orgulho da sua origem.»

No final do almoço, o sr. dr. Nilo Pessanha seguiu para o palacio de Belem, acompanhado pelo sr. Fontoura Xavier, sendo ali recebido pelo sr. Presidente da Republica.

O sr. dr. Nilo Pessanha, acompanhado de sua esposa, recolheu de tarde a bordo do «Lutetia», que o levará ao Brasil, onde não vai há um ano.

DEPOIS DO GOLPE DE ESTADO

O gabinete Barros Queiroz não está ainda completamente constituido

Quem são os novos ministros—As causas do movimento revolucionario—O que o capitão-tenente sr. Procopio de Freitas disse ao capitão :-: :-: sr. Pires Monteiro—A opinião do major sr. Henrique de Melo :-: :-:

Os discursos dos srs. Antonio Maria da Silva e Barros :-: :-: :-: Queiroz --- O franco apoio do P. R. P. :-: :-: :-:

Desde ontem á noite que temos governo, embora não estejam ainda preenchidas todas as pastas, o que sucederá, segundo se espera, durante o dia de hoje.

O novo ministerio é presidido pelo sr. Tomé de Barros Queiroz, que após intensas «démarches» conseguiu desempenhar-se da incumbencia que lhe foi confiada pelo chefe do Estado.

O actual presidente do ministerio e ministro das finanças, filiou-se no Partido Republicano em 1888, foi socio e membro da direcção do Centro Fraternidade Republicana; da comissão que instalou o Centro de S. Carlos, presidente da comissão paroquial de Santa Justa durante 6 anos, e mais tarde membro da junta da mesma fregñesia.

Em 1908 fez parte da vereação da Camara Municipal de Lisboa, e, já na vigencia da Republica, foi secretario e director geral da fazenda publica. Deputado ás Constituintes pelo circulo de Torres Vedras, no ministerio que se seguiu ao 14 de Maio, exerceu as funções de ministro das finanças.

O general sr. Abel Hipolito exercia actualmente o cargo de director da Escola de Guerra e as funções de senador. Foi comandante do C. E. P. e das tropas fieis á Republica por ocasião da tentativa de restauração monarquica do norte. Em fins do ano passado o sr. presidente da Republica incumbiu-o de organizar um ministerio, que não logrou constituir.

O sr. dr. Matos Cid é professor e advogado, tendo sido deputado ás Constituintes e feito parte do ministerio Fernandes Costa.

O general sr. Alberto Carlos da Silveira pertence á arma de artilharia, cujo curso concluiu em 1889. E' oficial de Aviz e tem a medalha militar de prata de comportamento exemplar. E' oficial muito considerado na sua arma, foi deputado por Silves ás Constituintes e actualmente era senador e comandante do Campo Entrincheirado.

O sr. dr. Ricardo Pais Gomes, advogado, tem, desde estudante, mantido sempre, com inabalavel firmeza, as suas crenças republicanas. Exerceu as funções de governador civil e presidente da Camara Municipal de Visen, e as de director geral da administração politica e civil e secretario geral do ministerio do interior. Tem sido, por diversas vezes, ministro e fez tambem parte das Constituintes.

O sr. Melo Barreto, jornalista e diplomata, tem, por diversas vezes, ocupado as funções que mais uma vez lhe foram confiadas, de ministro dos estrangeiros. E' senador e director geral da secretaria do Congresso da Republica.

O sr. dr. Antonio Granjo tem tambem uma larga folha de serviços á Republica. Ainda estudante, fez parte do «comité» academico revolucionario de Coimbra, foi organizador do nucleo revolucionario de Chaves, fez parte do «comité» revolucionario de Traz-os-Montes e Beiras, desenvolvendo grande actividade na propaganda democratica. Foi deputado ás Constituintes pelo circulo de Chaves, tem feito parte de varios ministerios, a um dos quais presidiu e, por ocasião da guerra, esteve em França como oficial miliciano, tendo escrito um belo livro intitulado «A Grande Aventura».

O sr. Manuel de Sousa da Camara, agronomo e lente do Instituto Superior de Agronomia, é autor de varias obras de merecimento, versando assuntos da sua especialidade profissional, e fez parte da Assembleia Nacional Constituinte. E' pela primeira vez ministro.

Tres opiniões divergentes sobre as causas do ultimo movimento

O capitão-tenente sr. Procopio de Freitas enviou ao capitão sr. Pires Monteiro, durante o movimento, as seguintes bases em que assentavam as suas reclamações:

Dissolução do parlamento. Constituição de um governo popular-democratico, sendo pedida a nomeação de um popular para a pasta da marinha. Continuação das sindicancias ultimamente efectuadas. Compromisso de não serem feitas perseguições a elementos da marinha, guarda republicana, exercito, guarda fiscal e policia maritima.

Por seu lado, o major sr. Henrique de Melo define da maneira seguinte as causas da sedição:

Não houve, quanto a mim, uma causa inicial; segundo diziam, a intenção dos manifestantes era pedir a demissão do governo e a dissolução do parlamento. Ora, como entendo que, na minha situação, não devo pactuar com elementos que se pretendam impor ao sr. Presidente da Republica, coloquei-me dentro dos regulamentos, que mandam defender a Patria, a Republica e o Direito, e declarei-me disposto a manter, até ao fim, o que eu reputo o meu dever. Nesta conformidade, estou disposto, bem como todos aqueles que se conservam fieis, a não hostilisar; porém, tambem não consentirei que nos hostilisem, e, agora que todas as forças recolheram a quarteis, melhor fôra que as paixões terminassem, porque elas só nos desprestigiam.

Analisemos agora parte das declarações do major sr. Gilberto Mota:

Deu motivo á organisação do movimento o te chegado ao nosso conhecimento, por intermedio do major sr. Marreiros, então director da P. S. E., que o sr. dr. Bernardino Machado preparava um golpe de Estado, de acôrdo com o ministro da Guerra, sr. Alvaro de Castro, a fim de se apossar da presidencia da Republica, chamando ao poder os reconstituintes. Sabiamos, tambem, que o plano constava de dissolver as baterias de artilharia e de metralhadoras pesadas da G. N. R., ao mesmo tempo que seriam transferidos varios oficiais, tanto do exercito, como da guarda republicana, que não lhes eram afectos. Tinha-se combinado que o movimento saisse logo que houvesse qualquer transferencia por motivos politicos.

A transferencia dos oficiais do primeiro grupo de companhias da administração militar, bem como a de alguns sargentos, e o saber-se que outras estavam para se efectuar, forçaram-nos a sair, apesar da proxima chegada dos membros da Conferencia Interparlamentar do Comercio.

Como se vê, as opiniões dos oficiais que desempenharam papel preponderante no movimento divergem profundamente, devendo-se a tais divergencias as dificuldades encontradas para conseguir uma plataforma tanto quanto possivel satisfatoria.

O sr. Tomé de Barros Queiroz toma posse da pasta das finanças

"A situação actual do país é a mais grave da nossa historia" — diz o novo ministro

O chefe do governo, sr. Tomé de Barros Queiroz, tomou hoje posse, pelas 11,30, da pasta das finanças, que lhe foi dada pelo ministro cessante, sr. Antonio Maria da Silva e concorrida pelos funcionarios do ministerio, grande numero de republicanos liberais e alguns elementos graduados do partido democratico. O sr. Antonio Maria da Silva, usando da palavra, lembrou a sua velha amisade pelo sr. Barros Queiroz e as horas dos tempos da monarquia. Congratula-se por ver á frente do governo um republicano da envergadura mental e moral do sr. Barros Queiroz e declara que S. Ex.ª sabe perfeitamente que há muito o desejava ver naquele lugar. Fala primeiro como amigo, grande e sincero amigo, que nunca em circunstancia alguma deixou de o ser. Recorda os serviços prestados á Republica pelo sr. Barros Queiroz e, referindo-se á organisação do gabinete, felicita-se e felicita a Republica, porque todos os ministros são republicanos de velha data e sobre os quais a opinião publica republicana não pode ter a minima hesitação. A Republica e os destinos do paiz estão bem entregues. Terminando de falar como amigo, fala como politico e em nome do agrupamento politico que representa, ou seja o Partido Republicano Português. Este partido viu com o maior prazer a organisação do novo governo e as instancias do sr. Barros Queiroz para que participassem do governo. Os democraticos julgaram melhor deixar aos liberais a formação exclusiva do governo.

O P. R. P. dará todo o seu apoio, certo de que assim presta um serviço ao paiz. Em nome do P. R. P. declara mais uma vez ao sr. Barros Queiroz que pode contar com o apoio completo do seu partido. Referindo-se aos funcionarios do ministerio, diz que o sr. Barros Queiroz encontrará em todos cooperadores leaes e patriotas. Visivelmente comovido, quasi chorando, o sr. Antonio Maria da Silva abraça e beija o sr. Barros Queiroz.

Ver continuação nas «Ultimas Noticias»

CASIMIRO VICTORIA CHAMIÇO
ADVOGADO
RUA GARRETT, 74 Telefone 4186-C.

PROVINCIAS

Em Santarem

Crime de homicidio frustrado

Santarem, 23

Em audiencia geral, foram ontem condenados Serafim Maçarico, de Almeirim, pelo crime de homicidio frustrado, em 2 anos de prisão maior celular, e Antonio Machado, ou Joaquim Victorino, da Isenta, pelo crime de homicidio voluntario, na pena de 2 anos de prisão maior celular ou 3 anos na alternativa.

Marido que mata a mulher

No logar da Fancaria, freguesia de Alcanêde, José Ferreira Grau, matou a tiros de revolver sua propria mulher. O cadaver veio para Santarem a fim de ser autopsiado.

Em Alandroal

As searas e o tempo

Alandroal, 23

O tempo refrescou, tem havido chuvisco. Motivo porque alguns lavradores ainda teem esperanças nas suas searas.

A carestia dos remedios e dos generos

O hospital desta vila não tem rendimentos que possam suportar a carestia de remedios e generos alimenticios para muitos doentes, que no verão se costuma evidenciar. A Camara Municipal praticava um acto digno e justo repartindo com aquela casa de beneficencia os seus rendimentos do imposto «ad valorem».

As subsistencias

Foram chamados perante o sr. Comissario Distrital dos Abastecimentos, em Evora, um lavrador e um negociante, deste concelho.

Em Fozcôa

A agricultura e as chuvas

Fozcôa, 23

A chuva sempre nos quiz mimosear as searas e os campos parecem outros.

—Teve logar hoje o enterro do Padre Antonio Joaquim Fachada que ontem faleceu com uma bronco-pneumonia. O enterro foi muito concorrido, pois era muito estimado. Deixou testamento instituindo herdeiro do usufruto da propriedade e os bens moveis a uma pessoa de familia e a propriedade toda ao hospital de Fozcôa.

Em Ferreira do Zezere

Suicidio

Ferreira do Zezere, 23

Na Fonte da Figueira, suicidou-se Maria Carvalho, que vivia desgostosa, e já tinha, ha pouco tempo tentado afogar-se em um poço, sendo retirada ainda com vida por um visinho.

As ultimas trovoadas

As trovoadas que ultimamente se têm feito sentir pouca agua por aqui têm deitado, havendo sitios onde quasi ainda não choveu; as culturas encontram-se muito comprometidas e a população agricola anda desanimada com receio da fome. As oliveiras e as vinhas apresentam um aspecto muito prometedor; oxalá que na ocasião da fecundação as condições climatericas lhes corram propicias.

Em Mêda

A romaria á Senhora da Vila Maior

Mêda, 23

No ermo da Senhora da Vila Maior, realizou-se a romaria á santa do mesmo nome. Devido a rixas originadas na freguesia do Vale, entre os rapazes desta freguesia e os da freguesia de Paipenela na procissão de quinta-feira santa, os do Vale, sedentos de desforra, armados de cacetes, em numero aproximado de 60, dirigiram-se á tardinha para a romaria com o firme proposito de dar cacetada em quem lá encontrasse de Paipenela, mas como durante o dia caíu uma chuva miudinha não encontraram lá ninguem de Paipenela, e por isso resolveram ir a Paipenela desafiá-los, o que fizeram. Chegados áquela povoação foram recebidos a tiro depois de tocarem os sinos a rebate, ficando muita gente do Vale ferida e alguma gravemente.

Uma velha aspiração

E' tal a força de vontade que ha entre as freguesias da Prova, Avelozo e Gatos, para se ligarem a esta vila por uma estrada camararia, que aquelas freguesias resolveram, para ver se assim conseguem com mais facilidade o seu fim, abrir entre elas uma subscrição. estando a do Aveloso, que é a freguesia mais pequena, em mil escudos e havendo grandes ofertas gratuitas na expropriação do terreno. A estrada nunca teria mais de 12 quilometros e ligava 3 freguesias á sede do concelho e oferecia grandes vantagens aos habitantes desta vila para os abastecer de lenhas, batata e centeio.

Em Sernache do Bomjardim

O mês de Maria

Sernache do Bomjardim, 23

Tem-se realizado com solemnidade o mês de Maria na igreja matriz desta freguesia e tem sido muito concorrido.

—Pelo administrador do concelho estão sendo distribuidas as senhas de racionamento para azeite, que vai ser distribuido á razão de um litro por pessoa e por mês.

—A falta da chuva está-se fazendo sentir imenso, principalmente nos agricultores, que se encontram muito desanimados com a perspectiva agricola do proximo ano, que virá agravar ainda mais as dificuldades que atravessamos.

Em Constancia

Apreensão de 1.130 litros de azeite

Constancia, 23.

No dia 25 de Abril findo foram aqui apreendidos 1.130 litros de azeite, que o negociante Manuel Matias, da freguesia de Aguas Belas, concelho de Ferreira do Zezere, levava em transito para Lisboa. O azeite ficou detido nesta vila até decisão do tribunal, que absolveu o Matias. Como constasse que o azeite sahia hoje, o povo desta vila tocou os sinos a rebate, reunindo-se-lhe o das freguesias deste concelho, em frente dos Paços do Concelho, a fim de impedir a saída do referido genero. O administrador do concelho enviou um telegrama ao governador civil, pedindo para o azeite ser distribuido pelo povo, respondendo este que se dirigisse ao comissario distrital dos abastecimentos, a quem foi enviado novo telegrama no mesmo sentido. A' hora a que escrevo, 20, ainda os manifestantes aguardam em frente dos Paços do Concelho, que se encontram guardados por praças da guarda republicana, a resposta do comissario distrital. Foi pedido reforço ao comandante de secção da guarda republicana e o telegrafo foi posto permanente á ordem da autoridade administrativa.

PERFUMES
CRENOVILLE

Em Cezimbra

Visita duma comissão da junta geral

Cezimbra, 23

Foi visitada esta terra, tão esquecida dos poderes publicos, por uma comissão da junta geral d'este distrito, com o fim de, em concordancia com a camara municipal, pensarem na melhor forma de se conseguir a autonomia legal e precisa para o bom funcionamento dos corpos administrativos, empregando-se, para isso, os principios estabelecidos na Constituição da Republica.

A' reunião, na camara municipal, presidiu o presidente do senado sr. Carlos Ferreira Lourinha, que, depois de breves palavras, convidou para presidir o presidente da junta sr. Costa Gomes, que, depois de fazer uma resumida historia dos municipios, frisou os varios serviços publicos que deviam estar, exclusivamente, a cargo das juntas centrais e camaras municipais, mas que o poder central, por forma ilegal, chama a si, cerceando o direito que aos representantes do povo assiste de promoverem e realisarem o que julguem conveniente para a sua vida economica, melhorando as condições do seu municipio, principalmente quanto á viação, assistencia, instrução.

Falou em seguida o sr. Abel Polvora, presidente da comissão executiva, que concordou com as ideias expostas.

Depois foi dada a palavra ao sr. dr. Polvora Junior, procurador da junta por este concelho, que, manifestando-se de acordo com as ideias da junta, duvida, comtudo, dos seus resultados, mas julgando dever tentar-se que ás juntas e aos municipios seja dada a autonomia que de direito lhes pertence.

O sr. Barros da Costa, procurador á junta, manifestou-se no mesmo sentido.

O administrador deste concelho, sr. João Inacio de Oliveira, que estava presente, declarou simpatisar com a descentralisação administrativa e desejá-la mesmo, mas duvidava de que uma grande parte dos municipios fizesse dela bom uso. Por o entender assim, talvez, o poder central tem procurado que essa descentralisação não seja tão ampla como se deseja.

Terminou a sessão com vivas á Republica, que foram por todos entusiasticamente correspondidos.

Findo este acto, foram todos visitar o hospital, que elogiaram pelas suas condições higienicas, julgando-o muito bom para uma terra da categoria de Cezimbra.

Pela nossa parte, fazemos votos para que esta terra entre numa fase de progresso e desenvolvimento, que a eleve até ao nivel material e moral a que tem incontestavel direito.

No Cadaval

Reunião da Junta Geral do Distrito

Cadaval, 23.

Na ultima quarta feira realizou-se nesta vila uma reunião a que assistiram alguns vogais da Junta Geral do Distrito, que foi presidida pelo sr. Costa Gomes, presidente da Junta Geral. A reunião, que se efectuou nas salas da Camara Municipal, foi bastante concorrida, tendo o sr. Costa Gomes, num eloquente discurso, advogado a descentralização administrativa, etc. Trocaram-se entre os representantes da Junta Geral e os vogais da Camara Municipal, algumas impressões sobre o congresso municipalista a realizar em Outubro proximo. Depois da reunião foi oferecido áqueles representantes um jantar de confraternização, no hotel Ferreira.

Fundação de um corpo de Bombeiros Voluntarios

Fundou-se nesta vila o Corpo de Bombeiros Voluntarios, que tem como 1.º e 2.º comandantes os srs. Julio Maximo Pereira da Silva e Antonio Rodrigues dos Reis. Estão decorrendo com entusiasmo a instrução e exercicios do mesmo Corpo, que deverá ser inaugurado em Agosto proximo. A instrução do material é ministrada pelo sr. Artur Loureiro, digno director de «O Concelho do Bombarral», e que todas as semanas vem obsequiosamente a esta vila para esse fim.

Em Vizeu

O congresso beirão

Vizeu, 22

Programa minimo da magna assembleia de Vizeu:

Dia 9 de junho: Recepção na estação ás 16 horas e acompanhamento até á camara; Inauguração do congresso; á noite, sarau de gala no Teatro Viriato.—Dia 10: A's 10, 2.ª sessão do congresso no Gremio de Vizeu; inauguração da exposição artistica e industrial e visitas aos monumentos; á tarde, 3.ª sessão do congresso; á noite, espectaculo no teatro, iluminações e descantes.—Dia 11: De manhã, excursão ao Caramulo; ás 16, 4.ª sessão do congresso; á noite, festival das associações, no Rocio e rua Formosa.—Dia 12: De manhã, 5.ª sessão do congresso; inauguração da exposição pecuaria e agricola; partida para Laiões; á noite, festival no Campo de Viriato e animatografo ao ar livre.—Dia 13: Encerramento do congresso; festas religiosas; festas sportivas; festival no largo Mousinho de Albuquerque. —Dia 14: Excursão a Gouveia e Serra da Estrela.

Os srs. Presidente da Republica e ministro da Agricultura prometeram á comissão central a sua assistencia. Activamente se trabalha na reunião dos objectos para as exposições industrial e artistica, esperando-se magnificos mostruarios. Da Figueira da Foz, onde o congresso desperta muito interesse, virá um comboio especial com excursionistas. Outros comboios especiais, a preços reduzidos, haverá nas linhas do Vouga e Nacional. Está pronto o campo de aviação em Vila Nova do Campo. Durante o congresso, os aviões evolucionarão na região de Vizeu, seguindo no dia 14 a Gouveia (onde se prepara uma excepcional festa e parada de gados dos Herminios), atravessando depois para Lisboa por sobre a Serra da Estrela. A Associação Comercial já reuniu alguns milhares de escudos para as festas.

Em Coimbra

Os acontecimentos de Lisboa

Coimbra, 22.

Causaram sensação nesta cidade os acontecimentos politicos decorridos em Lisboa, e que aqui foram conhecidos pelo «Diario de Lisboa». O governador civil, durante a noite conservou-se no gabinete do inspector da policia com varios oficiais da G. N. R. Em Coimbra nada se passou de anormal além das prevenções nos quarteis da guarnição da cidade e G. N. R.

Reunião do senado municipal

Reune no dia 28 do corrente o senado municipal, afim de lhe serem submetidos mais assuntos respeitantes á tracção e iluminação electrica. Trata-se da aquisição de mais carros e dos maquinismos a adquirir para a estação termica.

Na sua ultima sessão, a comissão executiva resolveu mandar restaurar as estatuas do Parque de Santa Cruz, que os vandalos teem inutilizado, encarregando dessa restauração o distinto artista conimbricense, sr. João Machado. Nomeou tambem uma comissão de vereadores, para com os competentes estudarem quais os melhoramentos a introduzir no formoso Parque, por a Camara estar na disposição de cuidar da sua conservação com o maior interesse.

Uma festa militar

Com a assistencia da oficialidade da guarnição de Coimbra e respectivos contingentes, realizou-se hoje no quartel do 2.º grupo de artilharia 2, em Santa Clara, uma festa desportiva militar, sendo nessa ocasião entregue a Cruz de Guerra a uns soldados que tomaram parte na Grande Guerra.

OURO compra por alto preço
"A Realidade,,
Rua Eugenio Santos, 44

N.º 6 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 24-5-921

Português dos velhos tempos

Novela por Aquilino Ribeiro

Ela, sorrindo, replicou:

—Passaram ahi uns homens a cavalo e estiveram a tirar esculcas dum sujeito e duma rapariga que pelos sinais são vomecês...

—Já lá vão há muito?

—Estaria a nascer o sol. Já botaram a Lamego, se botaram...

—Pois nós vamos atraz deles, á procura tambem.

—Lá se arranjem...

Dali a Britiande era um salto; um cavalo bem disparado meteria lá num quarto de hora. Fui-me afrouxando o passo para que o animal pudesse deitar o fôlego todo se lho pedisse, e, desta feita confesso, que o receio não é cobardia, confesso que encomendei minha alma a todos os santos e santas da minha devoção, em especial ao milagroso Padre Santo Antonio, que tem o mesmo nome que eu, e é padroeiro de namorados, sem esquecer os martires de Marrocos de grande prestimo numa aflição. E adiante. Britiande lá estava, apartada ás bandas da estrada, com casas caiadas, casas antigas de pedra negra, mulheres a catar-se ás portas e meninos nus pelos patins a esbarregar-se pelas mães. Estava tudo em socego, pelos vistos não havia novidade. Já dava graças a Deus, ao desandar das ultimas casas, quando uma porta de quinta se abriu e meu tio Agostinho, os maçanzeiros, o padre e uma choldra sem conta me saltaram á frente. Deitei a mão ao bacamarte, ali é que eram elas! E para a patuleia estacada com o meu repente gritei:

—Olá, amigos, que é isso?

Meu tio Agostinho ia a crescer para mim; entestei-lhe o bacamarte ao peito:

—Tenha-se, tenha-se, senão morre!

O homem acobardou-se, e como visse os patuleias mais irresolutos que ele, pôs-se a gaguejar a uma respeitosa distancia:

—Pula abaixo, Brizida! Pula abaixo!...

A maluquinha ia a mexer-se, mas não custou muito a tê-la queda:

—O' Brizida, tu desces, mas tambem és a primeira a cair. Se não tens amor á vida, desce... Agora lá vocemecês deixem seguir quem vai seu caminho... que eu morrer morrerei, mas a trouxa não a largo...

—Isso é que há-de largar—rosnou o abade.

—Assim me não largue o Anjo da Guarda. E olhe, V. R. quere saber? Ovelha que tinha de ser do lobo foi dó lobo. Quem aqui vai não é nenhuma donzela... não senhor, que eu não sou parvo. Quem aqui vai é a mulher que Deus me destinou e que já o é. Se V. R. nos quizesse abençoar...?

Quando estas falas ouviu, o padre avançou para mim, mais branco que a neve antes de derreter. Meti a arma á cara.

—Mata, ladrão!

—Não mato, mas ponha-se de largo!... ponha-se de largo!!

O abade não se intimidou e eu fiz curvetear o macho para não disparar. Afastamo-nos assim um do outro, mas o que valeu foi de não vir armado, porque lá lhe pareceu mal, senão chacinava-nos ali. Em menos dum amen tinha-se ateiado o alvoroto, Brizida carpia-se como uma Madalêna, meu tio Agostinho, com o cheiro de tudo, especava-se contra o poste dos fios a chorar, muito povoléo em roda botava alarido.

—Deixais-me passar?—gritei para a quadrilha que me tolhia o passo, apontando-me paus e espingardas.—E' uma... é duas...

Cravei a espora; o maçanzeiro ergueu mão para as redeas, fiz fogo... e o machinho pinchou. Lá adiante torci a cabeça para traz: levantavam o homem do chão... corriam sobre mim... mandavam-me salvas de tiros. Meti por entre giestais e grangearias, mal me roçando pela vista as paredes ao galope pulo que levava, e escapei.

O abade da Penajoia despachou-nos para um casal que tinha no Douro onde ficamos a recato. Quando o maçanzeiro enrijou da zagalotada e meu tio Agostinho reconheceu que não havia remedio, casamos. O pobre homem, á volta da igreja, prantou-me uma bolsa de libras nos joelhos, dizendo:

—Aqui tens, rapaz, juizinho!

Não era má pessoa. Pelo descanso de sua alma, padre-nosso e ave-maria».

(Continúa)

NO ESTRANGEIRO

O CAMBIO

O franco e a reunião de Londres

A valorização actual não é devido a uma melhoria economica de França mas a uma corrente de opinião que afirma a confiança no seu futuro financeiro

A seguir á conferencia de Londres a cotação do franco começou a melhorar.

Este facto não foi determinado por acontecimentos de ordem economica. Em França, os compradores, mantêm-se num lock-out tão firme quanto possivel, e o comercio está quasi paralisado por causa da abstenção dos compradores.

As exportações tambem tendem a diminuir.

A valorização do franco não é pois devida a um facto de natureza economica, mas de natureza politica.

A acção dos Estados Unidos fez sentir a infuencia recusando-se a transmitir as propostas alemãs e vindo tomar parte nas deliberações europeias ácerca das reparações.

A união dos aliados, pondo-se decididamente ao lado da França foi influir no animo dos capitalistas americanos que, os primeiros, começaram comprando grande quantidade de francos.

E' um movimento de opinião da qual se não pode afirmar a duração; mas é uma prova da confiança que inspira o futuro economico da França.

O plebiscito da Alta Silesia

A opinião de Paderewsky

NEW YORK, 24.

O correspondente da «United Press» celebrou uma entrevista em Pasorobles (California) com Paderewsky, o qual lhe disse que o resultado favoravel do plebiscito na Alta Silesia devem-no os alemães aos métodos do terrorismo que empregaram. Como resultado disto, o povo polaco perdeu a paciencia e sublevou-se ante o temor de não receber uma resposta adequada dos aliados ás suas justas reivindicações. A maneira como os proprietarios de minas e industrias e algumas autoridades policiais alemãs procederam para com a população polaca, intentando inspirar-lhe verdadeiro terror e obrigá-la a perder o sangue frio, fazendo votar a favor da Alemanha, a muitos deles debaixo de ameaças, fez desesperar profundamente os polacos da Alta Silesia. Poude-se ver a duzentos mil alemães, que se faziam passar por originarios da Alta Silesia, receber o direito de participar no plebiscito, apesar de nenhum viver nesta nação, nem estar decidido a viver de futuro. Por ultimo, o governo polaco não póde ser responsavel por essas manifestações de impaciencia e de desespero das massas populares na Alta Silesia.—(R.).

Todas as senhoras elegantes
COMPRAM MUSICAS NA CASA
Valentim de Carvalho
Rua da Assunção, 39

A ALTA SILESIA

O ultimo discurso de Lloyd George

Os comentarios da imprensa francesa

O que será a politica de Aristide Briand :-: se os alemães pegarem em armas :-:

O discurso de Lloyd George na Camara dos Comuns deu origem aos maiores comentarios, por parte da imprensa francesa, inglesa e alemã, como principais interessados na aplicação dos principios por ele enunciados; mas toda a imprensa europea se ocupa dele, porque das suas palavras pode voltar a atear-se a guerra na Europa.

Mencionamos a seguinte passagem: «E' pouco digno consentir que a Polonia, despresando o tratado de Versailles, se apodere da Alta Silesia, e no permitir á Alemanha que em virtude do Tratado se defenda.

A imprensa alemã, na sua maioria não compreendeu estas palavras como uma incitação a pegar em armas contra a Polonia, o que equivaleria a uma declaração de guerra.

Não acha conveniente o derramamento de sangue por uma terra que, afinal, podem vir a perder definitivamente; que a mobilisação do exercito alemão conviria muito aos nacionalistas franceses porque lhes daria ensejo de ocupar o Rhur. Pensa tambem que as palavras de Lloyd George têm por fim incitar a comissão interaliada a que se ajude com elementos alemães para estabelecer a paz, e não á Alemanha para que se faça justiça por suas mãos.

Reina uma certa desconfiança na imprensa alemã e dá-se a entender que Lloyd George, é capaz de ámanhã voltar atrás.

O certo é que o movimento da Alta Silesia trouxe a primeira divergencia seria entre a França e a Inglaterra. Apesar dos cuidados da imprensa em o ocultar e em apregoar bem alto a união inter-aliada, o certo é que houve sempre certas divergencias que se marcaram; hoje a imprensa francesa, ao lado de Briand, ataca Lloyd George e a politica inglesa de varias maneiras.

O «Temps» afirma que não foi a França que exigiu á Alemanha fossem tiradas as possessões ultramarinas; não é tão pouco a França quem deseja a ruina economica e industrial da Alemanha, pois até a plataforma aceite para o pagamento das prestações depende do progresso das industrias.

Não é uma acusação indicada?

O «Matin» diz que a politica de M. Lloyd George é de um douche de agua fria e um de agua quente alternadamente. O seu discurso é uma compensação á boa vontade da conferencia de Londres.

M. Briand respondeu a M. Lloyd George:

«As tropas inglesas não tomaram parte na pacificação da Alta Silesia; á comissão inter-aliada pertence o delimitar as fronteiras; que nunca o primeiro ministro inglês podêria tomar sosinho a iniciativa de incitar os alemães a experimentar as suas forças militares, lutando com a Polonia; que nenhum dos aliados tem o direito de dar ordens aos outros.

A imprensa francesa compreende que a politica de Briand será:

Se a Alemanha pegar em armas, imediatamente será ocupado o Rhur.

A ATITUDE ALEMÃ

A questão silesiana e a embaixada francesa em Londres

Mais de 30 mil alemães entram no territorio disputado

(Serviço especial para o *Diario de Lisboa*)

LONDRES, 23.

A embaixada franceza em Londres, entregou uma nota no ministerio dos negócios estrangeiros, em que resumidamente se diz que há perigo de que a questão da Alta Silesia se torne muito séria, devido á atitude dos alemães, que estão constantemente concentrando forças. A nota, entende que é necessário que os aliados façam representações colectivas ao governo alemão, para que ele cumpra o que lhe fôr ordenado, e que o embaixador inglez em Berlim, apoie o embaixador francez na mesma cidade.

Durante os ultimos dias, mais de trinta mil alemães de todas as partes da Alemanha, principalmente da Baviera, entraram no território disputado, com armas e bagagens. Tambem dizem de Opeln, que contingentes de tropas alemãs, e material de guerra continuam a chegar á Alta Silesia.

NO "FRONT" GERMANO-POLACO

A situação agrava-se fortemente

Uma guerra: dum lado, partidarios polacos não apoiados pelo seu governo, que estão na defensiva; :-: do outro, alemães que tomam a defensiva :-:

PARIS, 24

A questão da Alta Silesia, complica-se fortemente. Há nesta provincia um verdadeiro «front» germano-polaco e, assiste-se assim aos preludios duma guerra pura e simples, feita por um lado por partidarios polacos, não apoiados por o seu governo, que estão na defensiva, e por outro lado, por alemães que tomam a ofensiva, e que em Paris se desejaria saber se Berlim os não encoraja e os não auxilia ocultamente. Sem duvida o chanceler Wirth, fez declarações á embaixada de França muito tranquilisadoras, e é certo que o governo se absterá de qualquer intervenção oficial na Alta Silesia. O dr. Wirth disse estar resolvido a dissolver os corpos armados, e a impedir a sua reunião, mas terá ele energia para o fazer?

A imprensa francesa, diz que a Inglaterra associando-se á politica francesa em Berlim, fortificará tambem a sua politica. O «Times», diz que se os factos que se têm relatado, são absolutamente veridicos, a França tem o direito de exigir da Inglaterra, um apoio absolutamente firme. O «Times» faz ressaltar os perigos que teria para a Inglaterra a volta á politica do esplendido isolamento.

SPORT

O "match" Carpentier-Dempsey

O encontro deve dar-se no dia 2 de Junho —A receita das entradas sobe já a um milhão de "dollars"—Um representante do governo francês assistirá ao combate

Chegou a New-York o campeão francês Carpentier, sendo recebido por entre aplausos da multidão que o esperava.

Descamps, já lhe tinha preparado uma quinta onde vai acabar o treino.

Há ainda poucas apostas, mais a favor de Dempsey que de Carpentier. Aquele já fez um contracto com uma companhia inglesa pelo qual será indemnisado em 100:000 dollars, no caso de se não poder bater com Carpentier por caso de força maior, no dia 2 de Julho.

Teck Rickard já tem 200:000 bilhetes pedidos o que fará subir a receita a 1.000:000 de dollars.

Este «match» tem despertado um tal interesse que a companhia francesa, nacional de turismo, fretou o «Leopoldina» a bordo do qual vieram os cavaleiros de Colombo, para levar excursionistas a New-York.

O preço compreendendo todas as despesas será de 4:500 francos.

Os excursionistas partem no dia 18 de Junho do Havre e estarão de volta em 13 de Julho.

Pensa-se que irá um representante do governo assistir ao desafio.

NA ALEMANHA

A concentração de tropas polacas em frente de Kreutzburg e Rosenberg

BERLIM, 24.

Confirma-se a noticia da concentração de grandes contingentes de tropas polacas em frente de Kreutzburg e Rosenberg. Nesta cidade houve violentos combates entre insurrectos e os voluntarios alemães, em que estes repeliram os polacos. Os italianos e ingleses toleram e até protegem as tropas polacas, de quem esperam a salvação da Alta Silesia. —(R.).

O fornecimento de 25:000 casas

BERLIM, 24.

O representante do ministerio de Reconstrução alemão anunciou que vai ter em breve uma entrevista particular com o sr. Loucheur, com quem tratará do fornecimento de 25:000 casas de solida construção, que os alemães estão prontos a fornecer.—(R.).

Uma nota alemã sobre o carvão

BERLIM, 24.

A «Kriegslastenkommission», numa nota enviada á Comissão de Reparações, queixa-se de que o estado do carvão na Alemanha é insustentavel, sendo esta situação devido á incuria da Comissão Inter-aliada. A mesma nota reclama providencias urgentes.—(R.).

Pelas crianças alemãs e austriacas

BERLIM, 24.

O «Koelnische Zeitung» informa que os bispos americanos vão enviar 335:000 *dollars* para socorrer as crianças alemãs e 185:000 para socorrer as crianças austriacas.—(R.).

Notas Mundanas

A caridade

A opereta «Rip»

Realiza-se esta noite, pelas 9 horas, no teatro de S. Carlos, o ensaio geral da encantadora opereta francesa «Rip», que nas noites de quinta feira, 26 e sabado, 28, subirá á scena no mesmo teatro, em recitas de caridade organizadas por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia. A ilustre comissão pede o favor a todas as senhoras e rapazes que tomam parte, para estarem no teatro ás sete e meia, afim de que o ensaio possa começar á hora marcada.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» amanhã nos teatros S. Luis, festa artistica do distinto tenor Fernando Pereira, no Nacional, recita da moda e na «soirée» elegante do Cinema Condes.

Baptisados

—Na paroquial igreja de S. Pedro em Alcantara, realizou-se ha dias o baptisado de um filhinho da sr.ª D. Inês Peixoto de Bourbon Ferreira Pinto Basto e do sr. Luís Ferreira Pinto Basto, servindo de madrinha a tia paterna sr.ª D. Constança de Castelbranco Ferreira Pinto Basto e de padrinho o tio paterno sr. Fernando Ferreira Pinto Basto. A gentil criança recebeu o nome de Francisco.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as srs.:

D. Joana da Rocha Leite Monteiro, D. Sofia Meireles de Canto e Castro, D. Maria Cirne e D. Rita de Lima Mayer.

E os srs.:

Marquês de Lavradio, D. Salvador Vaz de Almada, João Jorge Moreira de Sá, Duarte Herculano da Silveira e Silva e o nosso colega na imprensa dr. Antonio de Meneses (Ruy de Veras).

Casamentos

Deve realizar-se brevemente o casamento de miss Cecilia Mac Colman, com o sr. Luís de Mesquita Pimentel da Camara Lima, filho da sr.ª D. Maria de Mesquita Pimentel da Camara Lima e do nosso camarada na imprensa, ilustre chefe da redacção do «Correio da Manhã» sr. Camara Lima.

—Na igreja de Santos-o-Velho, realizou-se no dia 16 o casamento da sr.ª D. Sarah da Cunha de Carvalho, gentil filha da sr.ª D. Ernestina da Cunha de Carvalho e do sr. Everardo Tavares de Almeida Carvalho, com o sr. Pedro Carlos de Andrade Costa, filho da sr.ª D. Amelia Augusta de Andrade. Serviram de padrinhos por parte da noiva seus pais e por parte do noivo sua mãe e seu cunhado o sr. Adrião Castanheira.

Findo o acto religioso foi servido em casa dos pais da noiva um fino «lunch», seguindo os noivos depois para Cascais, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas prendas.

Em viagem

Com sua esposa a sr.ª D. Julia Maria Aires de Campos de Barros Barata, encontra-se em Madrid o sr. Diogo Barata (Foz de Arouce).

—Regressaram de Badajoz, onde foram assistir ás corridas, os srs.: D. José Correia de Sampaio (Castelo Novo), D. Pedro da Cunha de Mendonça e Meneses (Olhão), D. José e D. Carlos de Mascarenhas, D. Antonio Correia de Sampaio (Castelo Novo), José Manuel e Wylli Perestrelo de Albuquerque d'Orey, D. Bernardo José da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), D. Pedro de Bragança (Lafões), Antonio José de Araujo Rebelo de Andrade, José da Costa Ramalho, Manuel de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal), Alexandre de Almeida de Mendia, Antonio da Costa Rodrigues e José do Nascimento.

—Com sua esposa e filhos, regressou a Angra do Heroismo o sr. Diogo Paim de Bruges.

—Das suas propriedades no Alemtejo, regressou com seus filhos, a Lisboa, o sr. Tulio da Fonseca.

◆

NILO PEÇANHA

A partida

A's 16 horas levantou ferro o vapor «Lutetia», seguindo, a bordo, para o Brasil, o sr. dr. Nilo Pessanha e sua esposa. S. Ex.ª foi acompanhado a bordo por todas as individualidades que assistiram ao almoço em sua honra, mostrando-se muito sensibilisado pelas provas de deferencia que recebeu durante a sua curta permanencia em Lisboa.

◆

CARTAZ

Nacional—A's 21-15, «Simonne».

S. Luis—A's 21, «Os sinos de Corneville».

Trindade—A's 21, «O Pescador de perolas».

Gimnasio—A's 21-30, «Adão e Eva».

Apolo—A's 21,30, «Porto, tantos de tal...»

Avenida—A's 21, «A Dama das Camelias».

Politeama—A's 21-15, «Amor de apache».

Salão Foz—A's 20,30 e 22,30, «Trolaró».

Coliseu dos Recreios—A's 21,15, Companhia Great Carmo.

ANIMATOGRAFOS

OLIMPIA—Rua dos Condes.

CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.

CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.

SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

SALÃO IDEAL—Rua do Loreto.

ULTIMAS NOTICIAS

AS COMPLICAÇÕES EUROPEIAS

Os interesses da Africa do Sul

A paz do mundo poderá ser mantida por um entendimento entre a Inglaterra e os Estados Unidos

LONDRES, 24

O general Smuts falando dos interesses da Africa do Sul, disse que era absolutamente necessario que o imperio evitasse envolver-se em novas complicações europeias. O Imperio, tendo um entendimento com os Estados Unidos, poderia manter a paz no mundo. Referindo-se ás necessidades da defesa imperial, disse que as varias nações do Imperio tinham que ser cada vez mais cuidadosas com a sua propria defesa, e que a Africa do Sul tinha de ter o seu quinhão nas despesas navais.—(H.).

NO EGITO

Disturbios em Alexandria

ALEXANDRIA, 24

Por motivo da partida da missão egipcia para Londres, renovaram-se os disturbios, tendo as tropas europeias carregado sobre a multidão, e tendo disso resultado alguns mortos e setenta e dois feridos.

EM LONDRES

O conflito mineiro

LONDRES, 24

Têm continuado as conversações ácerca da questão mineira, e supõe-se que o governo vai reunir uma conferencia para discutir a final resolução do assunto.

Os incendios e os "sinn-feiners"

LONDRES, 24

Houve novas tentativas para incendiar varios edificios tendo os incendiarios tentado fazer explodir a fabrica de gaz e lançar fogo a varios outros edificios.

POLITICA

A dissolução parlamentar

O que nos diz o novo presidente do conselho

O sr. Tomé de Barros Queiroz, interrogado por um jornalista sobre a dissolução parlamentar respondeu assim:

—O sr. Presidente da Republica deu-me todos os meios necessarios para governar... Caso, porem, o parlamento não me deixe governar...

—O que fará?

—Recorrerei aos meios que ele me deu...

—Isto é, a dissolução parlamentar?

—Sim; a dissolução parlamentar.

—E as eleições?

—Como estipula a constituição, far-se-hão logo 40 dias após ser dissolvido o Parlamento. Mas isso depende de muitos factores. E' melhor mesmo não registar estas palavras no seu jornal, concluiu o sr. Tomé de Barros Queiroz, com um afavel sorriso.

A atitude do capitão sr. Cunha Leal ---"Não ha scisão no Partido Popular", afirma o ex-ministro das finanças

O capitão sr. Cunha Lial, porventura a figura mais destacante do Partido Republicano Popular, procurado em sua casa por um redactor do *Diario de Lisboa* declarou-lhe concisamente o seguinte:

—Não há scisão no partido popular. E a minha atitude é a de sempre: defensor dos principios republicanos adentro do programa dum partido que guarda os restos daquele idealismo que havia outrora—nos tempos da propaganda.

JOIAS
de bom gosto tem á venda a firma
BARRETO & GONÇALVES, L.da
(JOALHEIROS)
R. Eugenio Santos, 17

NA ILHA DA MADEIRA

A Santa Casa do Funchal recusa um donativo de 400 contos para instalação de uma enfermaria

O povo, indignado, fez uma manifestação de apreço ao doador e de reprovação á comissão administrativa daquela casa de caridade

FUNCHAL, 23

O banqueiro Vieira Castro ofereceu á Santa Casa da Misericordia do Funchal quatrocentos contos para instalação de uma nova enfermaria de cancerosos, manifestando o desejo da enfermagem ser feita por irmãs hospitaleiras portuguesas. A comissão do hospital, cujo estado financeiro é gravissimo, recusou tão importante donativo, por não querer acatar os desejos do doador. Tal resolução produziu um grande sentimento de revolta na população madeirense e em toda a imprensa, incluindo os orgãos do operariado. Realizou-se hoje uma imponente manifestação, na qual se incorporaram a academia, operarios, comercio e populares, que entregaram ao benemerito banqueiro uma mensagem subscrita por mais de duas mil assinaturas, agradecendo a generosa dadiva e protestando contra a comissão que repelira os recursos destinados á hospitalização dos pobres. O sr. Vieira de Castro discursou, dizendo colocar a sua bolsa a favor dos indigentes, tanto laicos como religiosos, sendo alvo de uma calorosa e entusiastica manifestação. No seu escritorio o banqueiro tem sido cumprimentado por individuos de todas as categorias sociais e credos politicos, que o têm felicitado por mais este gesto altruista, praticado a favor das classes pobres da Madeira. O governador demitiu a comissão, aguardando-se a atitude dos novos administradores.—C.

DR. JOÃO CAMELO
ADVOGADO
Rua Eugenio Santos, 9, 2.º

O NOVO GOVERNO

Ainda a posse do novo ministro das finanças

O novo ministro das Finanças agradece ao amigo as belas e carinhosas palavras que lhe dedicou. A sua comoção fala mais alto do que todos os discursos que pronuncie. Refere-se á situação do paiz, que considera a mais grave da nossa historia e enumera, resumidamente, algumas medidas que reputa indispensaveis. Agradece o leal apoio do P. R. P. e presta aos funcionarios, como homens honrados, a sua homenagem, sabendo que pode bem contar com o seu patriotismo. Em nome dos funcionarios, agradece o director geral da contabilidade, sr. Malheiro.

Quem sobraçará as pastas das colonias e do trabalho?

Os srs. drs. Sousa da Camara e José do Vale de Matos Cid, respectivamente ministros da Agricultura e da Justiça, tambem tomaram posse esta tarde. O sr. dr. Ginestal Machado, indigitado ministro da Instrução, é esperado no rapido de Madrid. Ainda não está assente quem sobraçará as pastas das colonias e do trabalho.

O aspecto da Arcada

A arcada retomou hoje o seu aspecto normal, tendo cessado as medidas extraordinarias de segurança. Apenas na frente do ministerio do Trabalho estacionou um piquete de cavalaria da guarda republicana.

Louvores do ministro da marinha demissionario ao pessoal do seu gabinete

O ex-ministro da marinha, sr. Fernado Brederode, assinou uma portaria de louvor aos srs. Agnelo Portela, capitão de fragata, Luiz de Freitas Oliveira Lima, 2.º tenente e José Antonio Alves de Azevedo, inspector de finanças, respectivamente chefe de gabinete, ajudante e secretario particular, pela sua cooperação prestante e valiosa e extrema solicitude com que, a par da mais inequivoca lialdade, se houveram sempre no desempenho das funções que merecidamente lhes foram confiadas.

O mesmo ex-ministro louvou individualmente o 1.º tenente do secretariado naval, sr. João de Macedo Martins Pereira e o 2.º tenente do mesmo quadro, Augusto Vicente, pela forma dedicada, lial, zelosa e captivante que revelaram no desempenho das suas funções na Repartição do gabinete.

As pastas a preencher

A' hora a que escrevemos falta ainda preencher as pastas do trabalho, instrução e a das colonias que, como noutro lugar dizemos, estão provisoriamente entregues ao sr. presidente do ministerio.

Para a pasta do trabalho indigita-se o sr. Lima Duque e para a da instrução fala-se nos nomes dos srs. Lima Duque e Pimentel Machado.

◆

Os viticultores do Douro

Reuniram para saudar o "Diario de Lisboa„

REGOA, 24—Os viticultores do Douro, reunidos em assembleia magna, onde se fizeram representar largamente todos os organismos regionais, profundamente reconhecidos pelos altos serviços prestados á causa do Douro por esse ilustre jornal, aclamaram-no com desusado entusiasmo, manifestando, deste modo, o seu profundo reconhecimento.—O presidente da assembleia, (a) *Joaquim Carvalhais.*